

dois
sete



COMPANHIA
DE TEATRO
DE ALMADA

mil
e

vinte
e

quatro

dois

TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM BENITE

calendário

janeiro

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
qua 03	A viúva alegre • 21h		
sex 05	Orquestra Jazz Algarve • 21h		
sáb 13	Iberian Impressions • 21h		
sáb 20	Jorge Palma • 21h	O meu pé de laranja lima • 16h	
dom 21		O meu pé de laranja lima • 11h	
qui 25	Sinfonia n.º 4 de Tchaikovsky • 21h		
dom 28	Camerata Atlântica • 16h		

fevereiro

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
dom 04	9.ª sinfonia de Beethoven • 16h		
sáb 10	Cassete pirata • 21h	Verdi que te quero Verdi • 16h	
dom 11		Verdi que te quero Verdi • 11h e 15h	
ter 13		Verdi que te quero Verdi • 16h	
sáb 17	NUIT • 21h	Verdi que te quero Verdi • 16h	
dom 18	NUIT • 16h	Verdi que te quero Verdi • 11h e 15h	

março

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sex 01		O futuro já era • 21h	
sáb 02		O futuro já era • 21h	
dom 03		O futuro já era • 16h	
qua 06		O futuro já era • 16h	
qui 07		O futuro já era • 21h	
sex 08		O futuro já era • 21h	
sáb 09		O futuro já era • 21h	Como um carrossel • 16h
dom 10		O futuro já era • 16h	Como um carrossel • 11h
qua 13		O futuro já era • 16h	
qui 14		O futuro já era • 21h	
sex 15		O futuro já era • 21h	
sáb 16		O futuro já era • 21h	
dom 17		O futuro já era • 16h	
qua 20		O futuro já era • 16h	
qui 21		O futuro já era • 21h	
sex 22		O futuro já era • 21h	
sáb 23		O futuro já era • 21h	Vento nos salgueiros • 16h
dom 24		O futuro já era • 16h	Vento nos salgueiros • 11h e 15h

abril

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sáb 06			A grande viagem... • 16h
dom 07			A grande viagem... • 11h
sex 12	A sorte que tivemos! • 21h		
sáb 13	A sorte que tivemos! • 21h		
dom 14	A sorte que tivemos! • 16h		
qua 17	A sorte que tivemos! • 16h		
qui 18	A sorte que tivemos! • 21h		
sex 19	A sorte que tivemos! • 21h		
sáb 20	A sorte que tivemos! • 21h	Júbilo • 21h	Romance da Raposa • 16h
dom 21	A sorte que tivemos! • 16h		Romance da Raposa • 11h
qua 24	A sorte que tivemos! • 16h		
qui 25	A sorte que tivemos! • 21h		
sex 26	A sorte que tivemos! • 21h		
sáb 27	A sorte que tivemos! • 21h	Mono-no-aware • 21h	
dom 28	A sorte que tivemos! • 16h	Mono-no-aware • 16h	

maio

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
qui 02	A sorte que tivemos! • 21h		
sex 03	A sorte que tivemos! • 21h	Para tocar e não prender • 21h	
sáb 04	A sorte que tivemos! • 21h	Para tocar e não prender • 21h	Hansel e Gretel • 16h
dom 05	A sorte que tivemos! • 16h		Hansel e Gretel • 11h
sex 10	Forces of nature • 21h		
sáb 11		Morto o cão... • 21h	Dona Raposa • 16h
dom 12		Morto o cão... • 16h	Dona Raposa • 11h e 15h
sex 17		Oranges and stones • 21h	
sáb 18		Oranges and stones • 21h	
dom 19		Oranges and stones • 16h	
qui 23	CNB • 21h		
sex 24	CNB • 21h	Camus-Casarès • 21h	
sáb 25	CNB • 21h	Camus-Casarès • 21h	
dom 26		Camus-Casarès • 16h	
qua 29	5.ª sinfonia de Beethoven • 21h		

junho

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sáb 01			Os gatos • 16h
dom 02	Na colónia penal • 18h		Os gatos • 11h e 15h
dom 16	Metamorfoses de liberdade • 18h		

julho

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sex 05		Além da dor • 21h30	
sáb 06		Além da dor • 19h	
dom 07		Além da dor • 21h30	
ter 09	Sans tambour • 21h30	Além da dor • 21h30	
qua 10	Sans tambour • 19h		
qui 11		Além da dor • 21h30	
sáb 13		Além da dor • 21h30	
dom 14		Além da dor • 19h	
seg 15		Além da dor • 21h30	
qua 17	Mãe Coragem • 21h30	Além da dor • 21h30	
qui 18	Mãe Coragem • 19h		

setembro

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sáb 14		A judia • 21h	
dom 15		A judia • 16h	
sáb 21			Händel... • 16h
dom 22			Händel... • 11h e 15h
sáb 28		O juiz da Beira • 21h	
dom 29		O juiz da Beira • 16h	

outubro

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sáb 05	Carolina Deslandes • 21h		Exercícios de ser criança • 16h
dom 06			Exercícios de ser criança • 11h
sáb 12		A mesa • 21h	
dom 13		A mesa • 16h	
sáb 19		As quatro estações • 21h	Pastéis de nata para Bach • 16h
dom 20			Pastéis de nata para Bach • 11h
sex 25		Um louco • 21h	
sáb 26		Um louco • 21h	
dom 27		Um louco • 16h	

novembro

	Sala Principal	Sala Experimental	Sala de Ensaios
sáb 02		Prometeu/Artaud • 21h	
dom 03		Prometeu/Artaud • 16h	
sex 08	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sáb 09	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
dom 10	A bunda preta da Chuvinha • 16h		
qua 13	A bunda preta da Chuvinha • 16h		
qui 14	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sex 15	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sáb 16	A bunda preta da Chuvinha • 21h	Não • 16h	
dom 17	A bunda preta da Chuvinha • 16h	Não • 11h	
qua 20	A bunda preta da Chuvinha • 16h		
qui 21	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sex 22	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sáb 23	A bunda preta da Chuvinha • 21h	Jardim clássico • 21h	

novembro

Sala Principal Sala Experimental Sala de Ensaios

dom 24	A bunda preta da Chuvinha • 16h		
qua 27	A bunda preta da Chuvinha • 16h		
qui 28	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sex 29	A bunda preta da Chuvinha • 21h		
sáb 30	A bunda preta da Chuvinha • 21h		Tudo tem um começo • 16h

dezembro

Sala Principal Sala Experimental Sala de Ensaios

dom 01	A bunda preta da Chuvinha • 16h		Tudo tem um começo • 11h e 15h
sáb 07	Luisa Sobral • 21h		Tudo tem um começo • 16h
dom 08			Tudo tem um começo • 11h e 15h
sáb 14	MUDA • 21h		Tudo tem um começo • 16h
dom 15			Tudo tem um começo • 11h e 15h
sex 20		S.O.S. - Aquela noite • 21h	
sáb 21	Concerto de Natal • 21h	S.O.S. - Aquela noite • 21h	Tudo tem um começo • 16h
dom 22			Tudo tem um começo • 11h e 15h

ALMADA FORUM®

Tudo para ser feliz.



Um espetáculo para toda a família.

índice

Humanismo e liberdade

por Inês de Medeiros • Presidente da Câmara Municipal de Almada 10

Pôr a alegria em cena

por Rodrigo Francisco • Director artístico da Companhia de Teatro de Almada 11

teatro

O futuro já era 15

A sorte que tivemos! - Um espectáculo sobre Abril 17

Além da dor 19

A bunda preta da Chuvinha 21

Morto o cão, acabou-se a fúria 24

Oranges and stones 25

Camus-Casarès, une géographie amoureuse 26

Sans tambour 27

Mãe Coragem 28

A judia 29

O juiz da Beira 30

A mesa, um lugar onde 31

Um louco 32

Prometeu / Artaud 33

S.O.S. - Aquela noite 34

espectáculos para a infância

O meu pé de laranja lima 38

Verdi que te quero Verdi 39

Como um carrossel 40

O vento nos salgueiros 41

A grande viagem do pequeno mi 42

Romance da Raposa 43

Hansel e Gretel 44

Dona Raposa e outros animais 45

Os gatos 46

Händel... lá com essa música! 47

Exercícios de ser criança e outros aprendimentos 48

Pastéis de nata para Bach 49

Não 50

Tudo tem um começo 51

Oficinas para a infância 52

Perguntas ao palco! 55

dança

NUIT - peça curta para três malabaristas 58

Mono-no-aware 59

Para tocar e não prender 60

Forces of nature 61

Shechter / Wellenkamp / Naharin 62

MUDA 63

música

A viúva alegre 66

Orquestra de jazz do Algarve 67

Iberian impressions 68

Jorge Palma 69

Sinfonia n.º 4 de Tchaikovsky 70

Camerata Atlântica: uma década de música 71

9.ª Sinfonia de Beethoven 72

Cassete pirata 73

Júbilo 74

5.ª Sinfonia de Beethoven 75

Na colónia penal 76

Metamorfoses de liberdade 77

Carolina Deslandes 78

As quatro estações de Vivaldi 79

Jardim clássico 80

Luísa Sobral 81

Concerto de Natal 82

exposições

A censura ao teatro 86

A explosão da liberdade pelos olhos do teatro 86

25 de Abril: os dias, as pessoas e os símbolos 87

Manter a memória do dia da liberdade 87

informações e serviços

Serviço ao público 90

Informações úteis 91

Espectáculos disponíveis para digressão 92

Preçário 93

Equipa do TMJB 94

humanismo e liberdade

Inês de Medeiros

Presidente da Câmara Municipal de Almada

Não sabemos ainda que nova ordem mundial é esta. Sabemos, contudo, que a violência está a subir de tom. Assistimos ao recrudescer do imperialismo putinista, da barbárie do Hamas e ao bombardeamento maciço e indiscriminado de Israel em Gaza. Perante a banalização do horror não esqueçamos as palavras do intelectual palestino Edward Said, “infelizmente, aparece sempre um voluntarioso coro de palavras pacificadoras acerca de impérios benignos e altruístas, como se não devêssemos confiar na evidência dos nossos olhos quando contemplamos a destruição, a miséria e a morte”. Assistimos igualmente, pela Europa fora, à ascensão da extrema-direita, essa que como nos anos 30 assenta a sua ideologia na “morte da Inteligência” que gritou Millán-Astray, e que por cá vai fazendo o seu caminho. Estas forças, necrófagas e obscuras, são a antítese da liberdade e do humanismo.

Encaremo-las de frente e não temamos a resistência. Contamos com os nossos intelectuais, artistas e escritores, contamos com a Cultura para ser a luz que afasta o obscurantismo. Depositamos no Teatro, nesta arena mágica onde se cruzam atores e público num momento irrepetível, a esperança por novas formas de humanização e libertação. Foi Sophia de Mello Breyner que, na Assembleia Constituinte, afirmou a “profunda unidade entre a liberdade de um povo e a liberdade do intelectual e do artista”, e que recordou que durante 48 anos os artistas e intelectuais portugueses lutaram, não pela sua liberdade, mas “pela libertação do povo a que pertencem e pela justiça e pela verdade da vida”. É esse humanismo, que só se constrói em comunidade e que exige a capacidade para acolher e ser outro, que Said declarou ser a “única e talvez a resistência final que temos contra as práticas desumanas e as injustiças”.

Estes valores – humanismo e liberdade – são conquistas da revolução de abril. Fazem parte dum herança que este ano celebra 50 anos. Não são factos consumados, são valores que todos temos de exercer, como atos de perpétuo cuidado pela nossa democracia. São as canções que semeamos ao vento que passa, nas estrofes de Manuel Alegre. São o soneto inacabado de Liberdade de Natália Correia. São valores pelos quais, também neste que é o ano de 500 anos de Camões, abrimos fronteiras e repensamos horizontes, pelos quais abraçamos quem, como Caetano Veloso, gosta “de sentir a língua roçar a língua de Luís de Camões”.

Termino com um agradecimento especial à Companhia de Teatro de Almada que aceitou o desafio de fazer uma criação específica de celebração do 25 de abril, e por toda esta programação, de irrefutável qualidade e múltiplas perspetivas, que cuida dos valores de humanidade e liberdade.

pôr a alegria em cena

Rodrigo Francisco

Director artístico da Companhia de Teatro de Almada

A Revolução iniciada em Abril de 1974 trouxe-nos a liberdade, a democracia, e o progresso assente no estado social. Nessa época o Grupo de Campolide — que esteve na origem da nossa Companhia — existia havia três anos. Mas sem as profundas alterações ocorridas no nosso País a partir de então, o Campolide não poderia ter-se profissionalizado. E não poderia ter vindo para Almada, onde — com a colaboração de um poder local rejuvenescido, actuante e optimista — tem prestado a esta comunidade um serviço público de cultura cujo valor é unanimemente reconhecido.

É dessa Revolução que nós vimos. E por isso lhe prestaremos tributo, no seu cinquentenário. Para a criação da peça *A sorte que tivemos!* - *Um espectáculo sobre Abril* convidámos cinco dramaturgos portugueses a escreverem sobre o dia ‘inteiro e limpo’. E, em colaboração com o Arquivo Ephemera, apresentaremos ao longo do ano quatro exposições que ilustrarão o modo como a liberdade alcançada em 1974 proporcionou uma verdadeira explosão do teatro independente. Resgataremos um conjunto de documentos e de objectos relacionados com a actividade teatral, relativos aos períodos que antecederam e que se seguiram à Revolução.

Em 2024 a Programação do TMJB assenta de novo nas criações da nossa Companhia, e renovamos a colaboração com as entidades que nos acompanham praticamente desde o início: acolhemos as produções do Teatro Nacional de São Carlos, da Companhia Nacional de Bailado e da Orquestra Gulbenkian. O financiamento obtido por meio da Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses possibilita-nos o acolhimento de espectáculos vindos de fora, de França e da Cisjordânia. Retomaremos ainda os ateliers artísticos para os mais novos, alternados ao longo do ano com uma novidade: sessões de filosofia para crianças.

A encenadora parisiense Ariane Mnouchkine — fundadora do Théâtre du Soleil — afirmou recentemente que “onde não há teatro, tudo é pior”. Na verdade, ao longo das últimas décadas temos participado activamente na construção desta ‘cidade do teatro’. E temos a felicidade de poder fazer teatro, num tempo no qual em muitas outras latitudes o teatro não pode existir. E temos também o dever, parece-me, de não esquecermos aqueles que se sacrificaram para que conquistássemos esta alegria de estar em cena, livremente. Como tal, creio que ao longo do ano que agora se inicia jamais será redundante invocarmos essa exclamação seminal, cunhada por Jorge Sampaio, que ecoará — febril, talvez — no íntimo de todos nós: 25 de Abril, sempre!

comp

canhia

inida

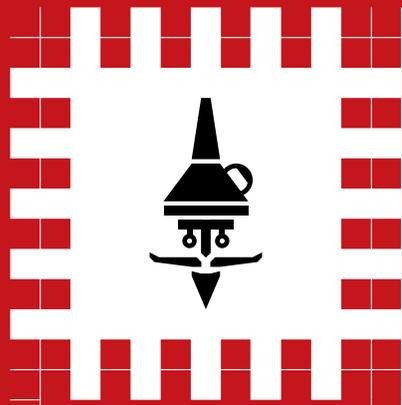
dein

teada

trada

inida

almada



criação



O milénio começou pessimamente. Não houve nenhum bug informático. Foi na altura em que o Facebook estava em grande. Com uma rapidez incrível, as pessoas ficaram viciadas nos likes de gente que não conheciam. Os jovens ficaram viciados na excitação que sentiam com aquela mistura de bullying, violência e sexo. Era o tempo em que à crueldade real das pessoas se veio ainda juntar a crueldade virtual. Era o tempo antes de alguma coisa.

In *O futuro já era*, tradução de Bruno C. Duarte

o futuro já era

Texto de **Sibylle Berg**
Encenação de **Peter Kleinert**
Música de **Chullage**
Companhia de Teatro de Almada

O futuro já era consiste num manifesto de fúria, fuga e revolta individual. É-nos contada a história de quatro jovens criados em agregados familiares altamente instáveis, numa das regiões mais degradadas de Inglaterra: o Noroeste desindustrializado. Rochdale é uma cidade sem esperança, em que a pobreza, a violência e o abuso fazem parte da vida quotidiana — um lugar onde as crianças têm de crescer demasiado depressa. Os únicos aspectos comuns a Don (uma rebelde obcecada pelas artes marciais), Peter (um rapaz polaco traumatizado), Karen (uma rapariga albina) e Hannah (uma órfã de Liverpool) são o ódio à realidade em que vivem, o amor pelo ‘GRIME’ (o estilo musical que substituiu o ‘punk’ como música dos revoltados e marginalizados), e a determinação em vingarem-se dos responsáveis pela sua miséria. A sua sede de vingança leva-os a Londres, onde se deparam com grupos de conservadores degenerados, com teóricos da conspiração, com programadores vacilantes entre a megalomania e a impotência, com agentes secretos cínicos, com corretores da bolsa chineses, com algoritmos que desenvolveram uma vida própria, e com vários perdedores que passam os dias a reviver o seu próprio passado patético, através da realidade virtual. O que começara como um grupo em busca de sucesso, transforma-se numa família improvisada, quando os quatro jovens tentam, debalde, criar um lar para si próprios numa fábrica abandonada na periferia da cidade.

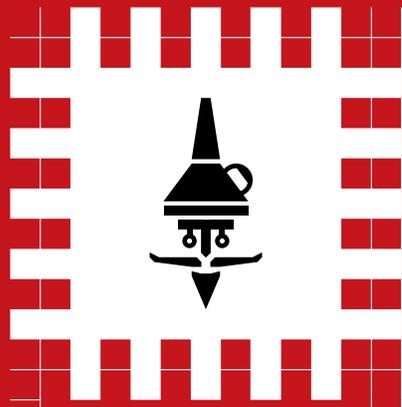
O futuro já era baseia-se no romance *GRM – Brainfuck*, de **Sibylle Berg**, uma das mais renomadas escritoras suíças da actualidade, que venceu o Prémio para Melhor Livro Suíço 2019 e o Grand Prix de Literature em 2020. Pelo conjunto da sua obra, Berg viu ser-lhe atribuído também em 2020 o Prémio Bertolt Brecht.

Tradução
Bruno C. Duarte
Cenografia
Céline Demars
Figurinos
Ana Paula Rocha
Desenho de luz
Guilherme Frazão
Dramaturgia
Paulo Rego
Interpretação
Cecília Borges
Chullage
Diana Linguíça
Diogo Bach
Erica Rodrigues
Inês Saramago
Jacinta Alves Correia

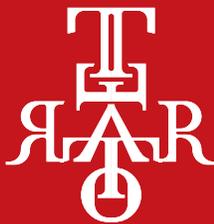
1 a 24 Mar.

Quinta a sábado às 21h
Quarta e domingo às 16h
Sala Experimental // M/12

Conversas com o público
2, 9, 16 e 23 Mar.
Sábados às 18h



criação



A menina, agora mãe, conversa com a filha, que foi buscar à escola de bicicleta.

— Mãe, olha ali um leão do jardim zoológico que fugiu e vai comer-te, ahahahah, peta de Abril...

Chegam a casa. Estacionam a bicicleta.

— Mãe?

— (...)

— Mãe?

— Sim?

— O que é Abril?

Patrícia Portela, in *O cavalheiro de abril*

a sorte que tivemos! um espectáculo sobre abril

Textos de **António Cabrita, Jacinto Lucas Pires, Luísa Costa Gomes, Patrícia Portela e Rui Cardoso Martins**

Música de **Martim Sousa Tavares**

Encenação de **Teresa Gafeira**

Companhia de Teatro de Almada

Cenografia e figurinos

Sérgio Loureiro

Interpretação

Carolina Dominguez

Cláudio da Silva

David Pereira Bastos

Duarte Grilo

Flávia Gusmão

Joana Bárcia

João Farraia

João Maionde

Pedro Walter

Um espectáculo sobre 25 de Abril de 74, óbvio em 2024. Menos óbvio é como pegar nisso. O que dizer, como dizer, a quem dizer.

O actor, em cena, deve sempre saber quem é o seu interlocutor, o espectáculo deve saber a quem se dirige. O actor, assim situado, verá brotar as palavras e os gestos com uma eficácia quase garantida sobre o interlocutor. Assim deveria ser com o espectáculo. A quem nos queremos dirigir? A quem viveu o antes de Abril, a quem viveu intensamente Abril, a quem Abril soa a uma coisa do antigamente? Diria que o público preferencial seria este último. E que dizer? “Não sabem a sorte que tiveram em nascer depois do 25 de Abril”.

Porque havia a guerra, claro, porque havia a Pide, claro, porque não havia muita coisa. E porque havia uma coisa que é difícil explicar. Um mal-estar, uma ansiedade, uma apatia, um sentimento de culpa, enfim, uma depressão colectiva? E dizer que por muitas voltas que a História dê ou que nós demos à História esta doença nunca mais foi a mesma desde esse dia de lunáticos, sonhadores?

Pedimos a cinco autores que nos ajudassem a dizê-lo. O resultado foi surpreendente. Cada um diz a coisa à sua maneira, o que na verdade era de esperar, e graças ao 25 de Abril (e não a Deus) diz o que lhe apetece.

Teresa Gafeira

12 Abr. a 5 Mai.

Quinta a sábado às 21h

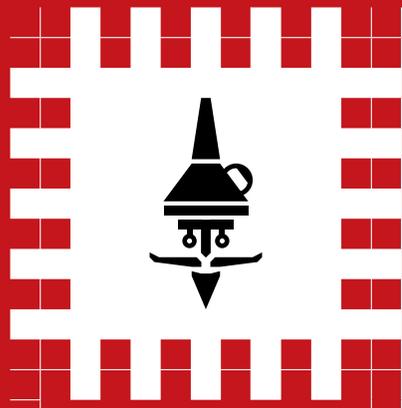
Quarta e domingo às 16h

Sala Principal // M/12

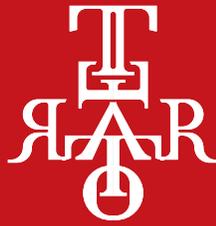
Conversas com o público

13, 20 e 27 Abr. // 4 Mai.

Sábados às 18h



criação



Sou uma trabalhadora esforçada. Eu não abuso dele... Tu sabes que não faço pausas quando não devo. Eu não me meto na casa de banho quando não devo. Se eu fosse uma pessoa dessas, podia tramá-lo a dizer que era discriminada...

Eu passo à frente e faço as coisas, sabes?

Fala de Grace, Acto III, Cena 1

além da dor

**Espectáculo integrado
no 41.º Festival de Almada**

Tradução

Margarida Vale de Gato

Cenografia

Céline Demars

Figurinos

Ana Paula Rocha

Desenho de luz

Guilherme Frazão

Som

André Oliveira

Interpretação

Binete Undonque

Djucu Dabó

Ivo Marçal

Maria Frade

Pedro Walter

5 a 17 Jul.

5, 7, 9, 11, 13, 15 e 17 às 21h30

6 e 14 às 19h

Sala Experimental

Duração: 90 min. // M/16

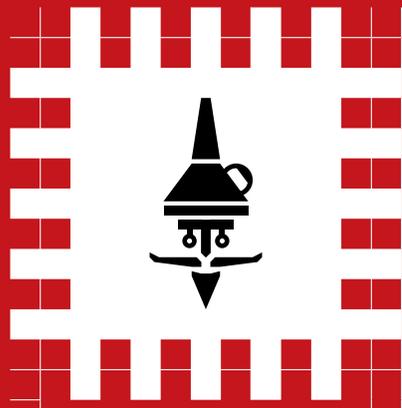
Texto de **Alexander Zeldin**

Encenação de **Rodrigo Francisco**

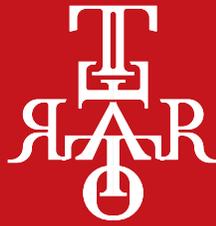
Companhia de Teatro de Almada

Além da dor (*Beyond Caring*, no original) foi o texto de estreia do dramaturgo britânico Alexander Zeldin. Inspirado nos livros de John Steinbeck, no teatro de Peter Brook (com quem colaborou), e no cinema de Mike Leigh e de Ken Loach, Zeldin escreveu e encenou esta peça em 2014, colocando em cena quatro trabalhadores contratados para as limpezas numa fábrica de processamento de carne. São precários, em toda a acepção da palavra. Não podem tirar um dia de folga para cuidar de uma filha doente. Não podem dar-se ao luxo de perder moedas na máquina do café. Não têm condições para recusar os turnos nocturnos que mais ninguém quer. Zeldin resiste em colocar o seu teatro na ‘caixa’ do teatro político, como explicou em entrevista ao *Público* (Setembro de 2021). Para si “toda a arte verdadeira é política: na essência, o teatro permite-nos olhar para o mundo de uma outra forma, que não seja imposta pelo capitalismo, pelo patriarcado, pelo hábito, pela obediência, e pelo medo”. Estreado em Março de 2022 na Sala Experimental do TMJB, *Além da dor* venceu o prémio de Melhor Espectáculo do Ano, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Alexander Zeldin recebeu, em 2015, o Prémio Quercus Trust. Em 2017 foi nomeado Artista Residente no National Theatre de Londres e, em 2018, foi o vencedor da Bolsa de Literatura da Arts Foundation. É, desde 2020, Artista Associado do Odéon – Théâtre de L’Europe, em Paris. No ano passado apresentou *The confessions*, no Festival d’Avignon, que se encontra ainda em digressão mundial.



criação



Ouve, mano, a malta do gueto há-de safar-se. Sempre safou. Enquanto eles precisarem de mulheres da limpeza, e de caixas de supermercado, e de cenas p'ra fumarem lá nas festinhas deles, e da música que a gente faz p'ra eles dançarem... 'Tá-se bem, mano. Se a gente não 'samos' capazes de ter também as nossas 'curtes', o que é que levamos desta vida?

Fala de Tó Curtes em *A bunda preta da Chuvinha*

a bunda preta da chuvinha

Texto e encenação de **Rodrigo Francisco**
a partir de *Ma Rainey's Black Bottom*, de **August Wilson**

Cenografia e figurinos

Céline Demars

Desenho de luz

Guilherme Frazão

Música

Afonso de Portugal

Duarte Grilo

Interpretação

Afonso de Portugal

Binete Undonque

Diogo Bach

Djuca Dabó

Duarte Grilo

Ivo Marçal

João Cabral

João Farraia

Pedro Walter

8 Nov. a 1 Dez.

Quinta a sábado às 21h

Quarta e domingo às 16h

Sala Principal // M/16

Conversas com o público

9, 16, 23, 30 Nov.

Sábados às 18h

'Chuvinha' é o nome artístico de uma cantora cujo estilo musical se situa entre o *afro-beat* e o *hip-hop*. Estamos num estúdio de gravação e, para desespero dos produtores, a própria Chuvinha tarda em chegar à sessão: será que vai comparecer? Os músicos que a acompanham já estão a postos, e vão-se entretendo com picardias entre si. A identidade destes jovens é construída à imagem das figuras que vêm na televisão e que 'seguem' nas redes sociais. Os seus heróis são os músicos anti-sistema cuja imagética reproduzem como podem — e que não fazem mais do que instigá-los à revolta, sem lhes apontarem caminhos. As referências destes rapazes não vão muito além dos subúrbios em que cresceram. Querem expressar-se, mas não sabem como: falam de si próprios na terceira pessoa, como os jogadores de futebol. E, no entanto, todos ambicionam o êxito, sem que algum deles seja capaz de concretizar o que os faz sonhar — para além, claro, das roupas de marca, das jóias espampanantes, e dos carros potentes em que desfilam os seus ídolos nos telediscos. A dada altura Chuvinha entra de roldão pelo estúdio adentro, escoltada por um polícia. Esta peça é também sobre as peripécias e as tensões que envolvem a gravação do seu *hit* mais 'poderoso': *A bunda preta da Chuvinha*. E ainda sobre o desastre, que assalta estes jovens quando as suas frustrações fazem com que a raiva cresça de forma incontável — e não atinja o alvo certo.

Rodrigo Francisco inspira-se numa das mais célebres peças do dramaturgo norte-americano August Wilson (1945-2005) para nos contar uma 'balada da Margem Sul', com bastante música tocada ao vivo e um elenco que inclui alguns dos actores que o têm acompanhado em criações anteriores.

pr ad

ções

caço

iiiii

iiiii

lhidas

teca

teca

morto o cão, acabou-se a fúria – a vida de luiz pacheco



Uma ideia original de **Pablo Fidalgo Lareo**
Co-criação de **Carolina Dominguez, Cláudio da Silva**
e **Pablo Fidalgo Lareo**

Luiz Pacheco foi tudo na cultura portuguesa. Um escritor diferenciado, um editor requintado e um selvático polemista. Luiz Pacheco foi o cão, ou seja, a consciência da cultura portuguesa, e levantou a voz quando os escritores ditos ‘oficiais’ ou ‘panfletários’ eram a norma. O seu percurso foi o de uma viagem política, estética e até geográfica de um proscrito, de um exilado interno e de um degenerado. Que significam hoje todas estas palavras no meio cultural? Pode a cultura actual olhar para uma figura tão complexa e autêntica? Por que é que temos a sensação de que autores como este aconteciam noutros tempos? Como vive hoje essa sintaxe? O que podemos ter no nosso corpo dessa voz torcida até ao limite?

Cláudio da Silva, o actor desta peça, contém em si mesmo todas estas complexidades, esta lucidez física sobre uma época sem ideias fortes. Ele será o escritor no seu laboratório, na sua oficina, nas suas peregrinações, na sua busca desesperada por amor e por corpos. Homens e mulheres, jovens e velhos. Diz-se que Pacheco gostou de tudo. Estamos certos de que seguiu uma poética e seguiu um plano em cada passo que deu. Seguiu a sua fome pela vida e pela pele. Seguiu a sua vitalidade extrema e desesperada. A geografia de Pacheco é a de uma Lisboa que se estende. Só deixou Portugal uma vez na vida, mas era um libertino, um comunista e um anarquista. Luiz Pacheco foi a medida da cultura portuguesa durante mais de 50 anos. Despiu-se e disse que não precisa de nada, mas precisava de tudo. E é essa atenção o que o caos lhe oferece. De facto, esta vida e este espectáculo são a história de uma queda, de um corpo que é derrotado pelo tempo e pela escrita.

Carolina Dominguez, Cláudio da Silva e Pablo Fidalgo Lareo

Interpretação

Cláudio da Silva

Direcção técnica

Bruno Santos

Parcerias

Editora Snob

Palettentheater Kollektiv

Teatro do Bairro

TMJB

Zdb – Galeria Zé dos Bois

11 e 12 Mai.

Sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

Duração: 50 min.

oranges and stones



Concepção e encenação de **Mojisola Adebayo**
ASHTAR Theatre de Ramallah

Assistência de encenação

Mohammad Eid

Émile Saba

Música

Rami Washaha

Interpretação

Edward Muallem

Iman Aoun

Laranjas e pedras leva-nos até à época da primeira onda de emigração judaica para a Palestina, na sequência da Declaração de Balfour de 1917, na qual se reconhece “o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu na Palestina” – sem, no entanto, “prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judias que já lá estão”. Esta peça sem palavras conta-nos a história de um homem pobre, do centro da Europa, que se refugia na Palestina na sequência da I Guerra Mundial, instalando-se na casa de uma habitante local. Pouco a pouco, esse recém-chegado acaba por apoderar-se da casa, expulsando a sua habitante original, que vivia feliz com o proveito das laranjas colhidas no seu pomar. Nas palavras de Mojisola Adebayo, a criadora deste espectáculo: “procurei criar uma peça na qual o público que vive fora da realidade da Palestina tivesse uma imagem do que é a ocupação, sem necessidade de palavras. Este espectáculo não procura contar toda a verdade, não é documental, mas conta uma verdade possível”.

O **ASHTAR Theatre** é uma companhia de teatro fundada em 1991 e sediada em Ramallah, na Palestina. O seu objectivo principal consiste em promover e divulgar, através do teatro, uma sociedade livre e aberta ao Mundo. Parte dessa missão tem sido cumprida graças à passagem desta companhia por vários festivais internacionais, assumindo-se como uma verdadeira embaixadora da cultura palestina.

17 a 19 Mai.

Sexta e sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

Duração: 50 min. // M/12

Espectáculo sem texto

camus-casarès, une géographie amoureuse



Um espectáculo de **Jean-Marie Galey** e **Teresa Ovidio**

Encenação de **Élisabeth Chailloux**

Châteaux en Espagne

Albert Camus, escritor e filósofo, e Maria Casarès, uma das maiores atrizes francesas da sua época, conhecem-se no dia 6 de Agosto de 1944, o dia em que os americanos desembarcaram na Normandia. Uma data que é um ponto de viragem importante na II Guerra Mundial e que foi amplamente celebrada nas ruas de Paris. Unidos por uma paixão súbita, separam-se uma primeira vez na sequência da chegada a Paris de Francine Faure, a mulher do escritor. Em Junho de 1948, cruzam-se de novo no Boulevard Saint-Germain. A partir desse dia, o destino de ambos fica definitivamente ligado. Não conseguem resistir ao amor que os une. Apesar das convenções, já nada os poderá separar. A correspondência ardente e apaixonada que trocam a partir dessa data, num total de oitocentas e sessenta e cinco cartas, só será interrompida com a morte súbita do escritor, num acidente de viação no Sul de França. Estas trocas epistolares, organizadas e publicadas já só em 2017 pela editora Gallimard — no que constituiu na altura um verdadeiro acontecimento editorial —, serviram de base para a construção deste espectáculo, para o qual foram seleccionadas cento e setenta e duas cartas, sendo estas um testemunho de um amor indefectível, hoje mítico.

Sobre *Camus-Casarès, uma geografia amorosa* escreveu Fabienne Pascaud na revista *Télérama*, aquando da carreira da peça no Festival d'Avignon Off: “Os dois intérpretes reinventam e reencarnam de forma soberba as vozes e os corpos dos dois amantes que, sem caírem no sentimentalismo nem renunciarem à sua pulsão, souberam amar-se e respeitar-se até ao fim”.

Luzes

Franck Thénevon

Som

Thomas Gauder

Figurinos

Corinne Chicheportiche

Movimento

Sophie Mayer

Interpretação

Jean Marie Galey

Teresa Ovidio

Co-produção

Théâtre de La Balance e

Beaubourg Productions

24 a 26 Mai.

Sexta e sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

Duração: 80 min. // M/12

Espectáculo em francês,

com legendas em português

sans tambour



Espectáculo integrado

no 41.º Festival de Almada

Cenografia

Lisa Navarro

Figurinos

Pauline Kieffer

Luzes

César Godefroy

Colaboração dramaturgica

Sarah Le Picard

Lucile Rose

Interpretação e co-autoria

Gulrim Choi / Myrtille Hetzel

Lionel Dray

Antonin-Tri Hoang

Florent Hubert

Sébastien Innocenti

Sarah Le Picard

Léo-Antonin Lutinier

Agathe Peyrat /

Marielou Jacquard

Eve Risser / Samuel Achache

9 e 10 Jul.

Ter. às 21h30 • Qua. às 19h

Sala Principal

Duração: 100 min. // M/12

Espectáculo em francês,

com legendas em português

Encenação de **Samuel Achache**

Direcção musical de **Florent Hubert**

Théâtre des Bouffes du Nord & La Sourde

Em *Sem tambor* Samuel Achache lança-se à forma de enfrentar o tema da derrocada, numa peça fragmentada e articulada com alguns *lieder* de Schumann. Em cena conta-se a história da derrocada imprevista do interior de uma casa, o que apanha totalmente desprevenidos os seus habitantes. A partir dessa situação, Achache e os seus actores, cantores e músicos constroem um espectáculo composto por quadros pertencentes a várias épocas — da Idade da Pedra à actualidade —, percorrendo os principais momentos da vida de todos aqueles que habitaram esse espaço. O palco torna-se num estaleiro em desconstrução permanente, composto por estratos do passado sobrepostos a várias camadas do presente. E eis que, por entre as ruínas, surge inesperadamente o canto, enquanto que dos escombros sentimos brotar o som de instrumentos musicais. Os intérpretes, que são também músicos, procuram reconstruir essa casa e essas vidas, a partir dos destroços que os rodeiam.

Acompanhado por Florent Hubert (direcção musical) e por alguns dos seus colaboradores habituais, o encenador francês Samuel Achache contruiu um espectáculo de teatro em que a música é preponderante: o *lied* alemão permite-lhe moldar, intimamente, as diversas vozes dos seus intérpretes. Apresentado no Festival d'Avignon de 2022, *Sans tambour* foi entusiasticamente recebido pela crítica: “Eis uma peça imensamente simples, desconcertante por vezes, e de um burlesco circense. A sua veia cómica funciona em pleno, destilando uma melancolia própria do universo *clownesco*” (in *Libération*).

mãe coragem



Espectáculo integrado
no 41.º Festival de Almada

Música

Miguel Sá Pessoa

Cenografia

João Mendes Ribeiro

Figurinos

Luísa Pacheco

Desenho de luz

Rui Seabra

Produção

Alexandre Oliveira

Interpretação

Maria João Luís

Elenco da companhia
do Teatro do Bairro

Co-produção

Centro Cultural de Belém

17 e 18 Jul.

Quarta às 21h30

Quinta às 19h

Sala Principal

Duração: 120 min. // M/12

Texto de **Bertolt Brecht**

Encenação de **António Pires**

Ar de Filmes /Teatro do Bairro

Considerada por muitos como a mais representativa obra do teatro épico de Brecht, a peça *Mãe Coragem* foi escrita em 1939, durante o exílio do dramaturgo — que, fugindo ao nazismo, deixou a Alemanha nas vésperas do início da II Guerra Mundial. O texto consiste numa crítica à guerra e ao conformismo, bem como numa radiografia ao conflito, demasiado humano, entre a moral e a necessidade de sobrevivência. Anna Fierling (a ‘Mãe Coragem’) é uma vendedora ambulante que atravessa os campos onde se trava a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), arrastando uma carroça de mercadorias na companhia dos seus três filhos. Ao mesmo tempo que os tenta proteger do conflito armado, para sobreviver Anna faz algumas escolhas eticamente duvidosas, sem se abster de entrar em conluíus e estabelecer certos negócios desonestos — pondo em risco, inclusive, a vida da sua família. No final, o resultado das suas acções acaba por revelar-se bem amargo.

António Pires trabalha em teatro desde o final dos anos 80, como encenador e actor. Está há duas décadas ligado ao Teatro do Bairro, em Lisboa, e à estrutura de produção Ar de Filmes. Entre as distinções que já recebeu pela sua carreira, contam-se o Corvo de Ouro da *Time Out Lisboa* para Melhor Peça de Teatro 2012, por *Tisanas – Um antídoto contra o cinzento dos dias*, de Ana Hatherly; o Globo de Ouro para Melhor Peça de Teatro 2013, por *O público*, de Federico García Lorca; a Menção Especial da Associação de Críticos de Teatro, em 2015, por *Quatro santos em três actos*, a partir de Gertrude Stein; e o prémio SPA 2019 para Melhor Espectáculo de Teatro, por *O Mundo é redondo*, de Gertrude Stein.

a judia



Cenografia, figurinos
e caracterização

Nuno Esteves (Blue)

Interpretação

Lara Martins (actriz)

Miguel Fernandes (actor)

João Paulo Santos (piano)

14 e 15 Set.

Sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

Duração: 60 min. // M/12

A partir de **Kurt Weill** e **Bertolt Brecht**

Encenação e dramaturgia de **Jorge Balça**

Direcção musical de **João Paulo Santos**

Co-produção: **A Companhia de Teatro do Algarve / TMJB**

A judia é um espectáculo híbrido de teatro-música que expande a colaboração entre o compositor Kurt Weill (1900-1950) e o dramaturgo Bertolt Brecht (1898-1956), ao contextualizar um programa de peças musicais de Weill incrustadas na cena *A judia*, da peça de teatro *Terror e miséria no Terceiro Reich*, de Brecht. O cuidado na seleção das peças musicais, e o seu posicionamento estratégico em momentos específicos do monólogo (mais tarde tornado diálogo), resulta numa dramaturgia que é mais do que a soma das partes que a constituem. As peças musicais de Kurt Weill permitem que vislumbremos cenas da história do casal e o tumulto interno desta mulher que, no auge da propaganda hitleriana e por amar o seu marido, decide deixá-lo. Um olhar brilhantemente sagaz às formas como as políticas do ódio podem invadir o dia-a-dia mundano dos cidadãos comuns. Judith era uma esposa amada, uma amiga, uma jogadora de *bridge* e uma dona de casa, mas neste caso é reduzida à unidimensionalidade de *judia*.

Jorge Balça desenvolveu durante mais de duas décadas e meia — predominantemente em Londres, Portugal e Amsterdão — um vasto portfólio profissional e uma combinação única de aptidões, enquanto encenador, locutor, formador e investigador académico. Em 2008 a sua produção de *A cantora careca*, de Ionesco, foi distinguida com o prémio Critics’ Choice pela *Time Out* de Londres. Foi durante três anos director artístico da companhia Bloomsbury Opera, sediada no Reino Unido.

o juiz da beira



Texto de **Gil Vicente**

Encenação de **Nuno Carinhas**

Co-Produção: **Teatro das Beiras / TMJB**

Cenografia e figurinos

Nuno Carinhas

Interpretação

(Distribuição em curso)

O juiz da Beira, uma farsa de Gil Vicente, consiste numa espécie de continuação de uma outra peça do mesmo autor: *O auto de Inês Pereira*. Neste auto, a protagonista casa com um homem meio atolambado — Pêro Marques — que se revela um pau-mandado. Em *O juiz da Beira* vamos encontrar de novo Pêro Marques, ainda casado com Inês Pereira, mas desta vez feito juiz. E — como seria de esperar — continua aparvalhado. Às suas audiências comparecem Ana Dias, que acusa o filho de Pêro Marques de lhe ter violado a filha; Alonso López, que incrimina Ana Dias de ser alcoviteira; e um escudeiro, que acusa Ana Dias de ser ladra. Para finalizar, quatro irmãos vêm disputar a herança que lhes deixou o pai. Como seria de prever, Pêro Marques resolve da forma mais absurda todos estes litígios, mas — curiosamente — todas as sentenças acabam por revelar-se arrazoadas.

Criado em 1974 na Covilhã, o **Teatro das Beiras** é uma companhia profissional desde 1994. Ao longo de meio século de existência, criou mais de 100 espectáculos. O seu repertório, vasto e diversificado, atravessa várias épocas da dramaturgia mundial: Lope de Rueda, Molière, Goldoni, Tchecov, Strindberg, Sean O' Casey, Brecht, Tennessee Williams, Thomas Bernhard, entre muitos outros. Tem realizado co-criações com o Teatro Nacional D. Maria II, o CEN-DREV, o ACERT e o Teatro do Montemuro. É desde 2015 membro do Circuito Ibérico de Artes Cénicas, do qual foi fundador.

28 e 29 Set.

Sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental // M/12

a mesa, um lugar onde



Direcção de **Rui Madeira**

Companhia de Teatro de Braga

Espaço cénico e figurinos

Rui Madeira

Manuela Bronze

Criação de imagem

Luís Rosa Lopes

Interpretação

Valentina Picciau

Rogério Boane

A Companhia de Teatro de Braga traz-nos um espectáculo inesperado e desprezioso, elaborado a partir de diálogos e de histórias de vida, de memórias identitárias, e da diversidade cultural de dois intérpretes chegados de latitudes bem distintas: a sarda Valentina Picciau e o moçambicano Rogério Boane. Haverá lugar para a celebração da vida e da morte, da festa e da tragédia, do canto e das lágrimas. Nas palavras de Rui Madeira: “A mesa apazigua e potencia o crime e o amor, consoante o momento. Não conseguimos definir em quantas mesas nos sentamos, mas seremos capazes de verbalizar memórias de uma vida, estados de alma, ideias, reflexões, sentimentos, declarações definitivas, nascidas ali. A mesa é imprescindível na nossa existência e afirmação. É definitivamente um palco da vida em que todos (actores e públicos) representamos. Sentemo-nos então e partilhemos este pedaço de tempo, de nós”.

Rui Madeira é actor, encenador e director artístico da Companhia de Teatro de Braga. É membro do Comité Executivo da ETA – Eurasia Theater Association, do Conselho Cultural do Município de Braga, e do Conselho Consultivo da candidatura de Braga – Capital Europeia da Cultura/27.

12 e 13 Out.

Sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

Duração: 50 min. // M/12

um louco



Texto de **Leslie Kaplan**

Encenação, dramaturgia e versão cénica de **Marta Dias**

Co-produção: **Casa 568 - Associação Cultural / TMJB**

Um louco começa com um encontro. Era uma vez uma avó que viajava de comboio com o seu neto de oito anos. Nessa viagem, ambos travam conhecimento com um jovem simpático e bastante misterioso. Simão — assim se chama o rapaz — vai matricular-se na Faculdade de Letras. Sente falta das consultas de terapia, que não tem dinheiro para pagar e, talvez por isso, parece ver o mundo de maneira um tanto diferente. Será louco ou só brincalhão? No dia seguinte o país acorda sobressaltado com uma notícia inesperada: um impostor tem vindo a fazer-se passar pelo Presidente. As forças de segurança procuram-no, mas sem sucesso. Quem seria? Simão? Fosse quem fosse, acontece ainda algo de mais impressionante: um movimento à escala nacional contagia todo o território e deixa o país em ebulição. Uma quantidade surpreendente de pessoas, em diversos pontos do país e sem aparentemente nada terem em comum, surgem vestidas como o Presidente e dirigem-se aos seus concidadãos. Será que toda a gente enlouqueceu?

Romancista, dramaturga, ensaísta e poeta, **Leslie Kaplan** nasceu em 1943 em Nova Iorque mas cedo a sua família se mudou para Paris, onde a autora vive actualmente. Formada em filosofia, história e psicologia pela Sorbonne, publicou a sua primeira obra, *L'ex-cès-l'usine*, em 1982. Autora prolífica e com vários registos, desde então já publicou mais de duas dezenas de livros. *Um louco* é a sua primeira obra a ser traduzida e editada em Portugal.

25 a 27 Out.

Sexta e sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

prometeu / artaud



A partir de **Ésquilo** e de **Antonin Artaud**

Encenação de **Álvaro Correia**

Culturproject

“O projecto *Prometeu/Artaud* consiste num díptico que aborda a urgência de reflectir sobre a macro-ideia da força que o Poder exerce sobre o Outro, sobre o corpo do outro, como forma de o subjugar e dominar dentro daquilo que é considerado a norma. Ao escolher o *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo como um dos textos a trabalhar, começamos pelo início e pelo símbolo daquele que é considerado o herói trágico transgressor que o tempo, ao longo dos séculos, referencia como a figura do rebelde, do revolucionário, do que transgride e se sacrifica por uma causa: a defesa dos seres humanos. Na nossa sociedade, de matriz judaico-cristã, existe uma relação forte da imagem do artista como uma espécie de Prometeu, um homem titânico. O ser humano é *prometeico* porque, ao ser criado à imagem de Deus, também ele é um criador. É nesta tensão que a escolha do segundo texto deste díptico — *Momo*, de Antonin Artaud — surge como fundamental e estruturante para o projecto”.

Álvaro Correia

Álvaro Correia é professor do Departamento de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde lecciona a disciplina de Interpretação desde 2000. Pertenceu à Comuna – Teatro de Pesquisa entre 1989 e 2015, tendo participado como actor em quase todas as produções teatrais desse período, e encenado textos de Pinter, Abel Neves, Albee, Lars Nórén, Molière, Beckett, Ibsen, Falk Richter, Bernard-Marie Koltès, entre outros. Como actor, já participou em projectos dirigidos por encenadores como João Mota, Miguel Loureiro, Mónica Calle, Jorge Andrade e Ricardo Neves-Neves.

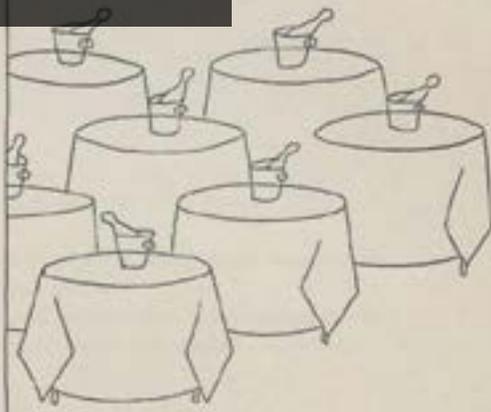
2 e 3 Nov.

Sábado às 21h

Domingo às 16h

Sala Experimental

S.O.S. – aquela noite



Desenho de luz

Rui Seabra

Interpretação

Dinis Gomes

Duarte Guimarães

Ricardo Aibéo

Rita Durão

Rita Loureiro

Sofia Marques

Textos de **Almada Negreiros**

Encenação de **Ricardo Aibéo**

SUL - Associação Cultural e Artística

No pequeno palco, dentro de um bar duvidoso, decorrem ensaios bizarros de números de variedades para apresentar nessa noite ao público. Fora do palco, os artistas não se entendem. É apenas quando se exibem mascarados, forjando as suas personagens irreais, que verdadeiramente se encontram e a sua existência ganha sentido. O palco transforma-se numa minúscula sala de espera, com os artistas lá dentro, estupefactos. Resta-lhes serem chamados. Mas, não fazendo ideia por que esperam, desesperam.

O colectivo Sul, em parceria com o CEDANSA Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros – Sarah Affonso e o IFILNOVA, apresenta um espectáculo com uma montagem de textos de Almada Negreiros, muito pouco conhecidos, alguns deles inéditos.

Ricardo Aibéo (n. 1973) estreou-se como actor em 1996 – o ano em que começou a colaborar com o Teatro da Cornucópia, onde mais tarde viria, já como encenador, a assinar a direcção de vários espectáculos. Participou na edição de 2019 do Festival de Almada com a encenação de *A boda*, de Bertolt Brecht. Na temporada de 2022, o TMJB acolheu a sua encenação de *O Rinoceronte*, de Eugène Ionesco.

20 e 21 Dez.

Sexta e sábado às 21h

Sala Experimental

Duração: 105 min. // M/12



MENU ALMOÇO

8,75€

Prato do dia + bebida + café

MENU BOCA DE CENA

13,25€

Pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café

MENU ESPECTÁCULO

18,50€

Refeição Boca de Cena + Espectáculo CTA

ALMOÇO CLUBE DE AMIGOS

8€

Prato do dia + bebida + café

MENU CLUBE DE AMIGOS

11,25€

Pão + sopa + prato do dia + bebida + sobremesa + café

Almoços: ter. a dom. das 12h às 15h • Jantares: qua. a sáb. das 19h às 21h30

Informações e reservas: 21 273 93 65 • geral@ctalmada.pt

Avenida Professor Egas Moniz • 2804-503 Almada

espect

áculos

pani

pani

ainfa

media

iani

iani

o meu pé de laranja lima



Texto de **José Mauro de Vasconcelos**

Encenação de **Elsa Valentim**

Teatro dos Aloés

Um livro, actores apaixonados e um teatro. O que o Teatro dos Aloés nos propõe é a adaptação para o palco de um clássico da literatura juvenil brasileira, escrito em 1968: uma história que tem deliciado várias gerações. Eis-nos perante as aventuras de Zezé: a sua comovente descoberta da ternura por Portuga, mas também a revelação da dor, quando o seu amigo sofre um acidente trágico.

O meu pé de laranja lima aborda temas como a amizade, o amor e o afecto, bem como a capacidade imaginativa dos mais pequenos para superar as condições mais adversas. Deparamo-nos também com um certo traço melancólico das crianças, muitas vezes relegado para segundo plano face ao actual predomínio da dita ‘infância idealizada’, própria do mundo urbanita.

O Teatro dos Aloés — formado pelo trio de criadores José Peixoto, Elsa Valentim e Jorge Silva — está instalado nos Recreios da Amadora. Em 2001, os Aloés iniciaram a sua actividade regular, que procura “contribuir para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento cultural das populações”. O curioso nome desta estrutura tem origem na peça *Uma lição dos Aloés*, de Athol Fugard, onde se fala de vencer medos, resistir às adversidades e acreditar em utopias. Ao longo de mais de duas décadas, o grupo tem montado textos de Mário de Carvalho, Brian Friel, Marivaux, Tankred Dorst, Tchechov, José Saramago, Luigi Lunari, Carlo Goldoni, Seán O’Casey, Athol Fugard, David Mamet, Bernard-Marie Koltès, Spiro Scimone, Lars Norén, Paul Auster, entre outros.

Direcção de arte

João Rodrigues

Desenho de Luz

João Silva

Rafael Ribeiro

Música

Rui Rebelo

Animação

Patrícia Santos

Interpretação

Graciano Amorim

Jorge Silva

José Peixoto

Sara Azevedo

20 e 21 Jan.

Sábado às 16h

Domingo às 11h

Sala Experimental // M/12

Duração: 100 min. c/ intervalo

verdi que te quero verdi



Música de **Giuseppe Verdi**

Encenação de **Teresa Gafeira**

Companhia de Teatro de Almada

Giuseppe (*José*, em italiano) **Verdi** foi um compositor (ou seja, um escritor de música) do século dezanove. Era tão bom, mas tão bom compositor, que dizem que era capaz de criar uma ópera num instantinho, como por exemplo numa tarde. Os pais de Verdi tinham um restaurante muito bom – se calhar era por causa disso que ele era tão bom, talvez os bons cozinhados sejam parecidos com as boas óperas: ambos precisam de ser feitos com arte, pois dentro da arte está uma forma de amor a que também podemos chamar entrega, ou dedicação (isto é, fazer muitas vezes uma coisa para a qual se tem jeito até se ser capaz de a fazer muito bem). A palavra *arte* é uma das palavras mais importantes de todas as que existem. Se não houvesse arte não haveria artistas. Se não houvesse artistas a vida seria horrível.

Verdi era um grande artista, um dos maiores da História da música europeia. Este espectáculo, feito com marionetas que cantam e com actores que dançam e cozinham, é sobre algumas das suas óperas: *La Traviata*, sobre as coisas boas (os beijinhos, estar juntos) e as coisas más (os ciúmes, as saudades) do amor; *Aida*, outra vez sobre amor; *Il Trovatore*, sobre... amor!, mas, neste espectáculo, esse amor é mais às pizzas e aos gelados que vão ser confeccionados à frente do público, por uns cozinheiros completamente malucos que trabalham num restaurante italiano enquanto ouvem algumas das mais belas *árias* (as partes cantadas para uma só voz, numa ópera) escritas por Verdi. Para que todos reparem como são belas, mesmo quando parece que os cantores as gritam.

Cenografia

Steven Evan

Desenho de luz

José Carlos Nascimento

Figurinos

Teresa Capitão

Marionetas

Teresa Varela

Operação de luz e som

Paulo Horta

Interpretação

João Farraria

João Maionde

Maria Velez Araújo

Pedro Walter

10 a 18 Fev.

Sábado e terça às 16h

Domingo às 11h e às 15h

Sala de Ensaios

Duração: 50 min. // M/3

Sessões especiais

para escolas, nos dias úteis, por marcação.

Perguntas ao palco!

10 e 17 Fev.

como um carrossel



Texto de **João Paulo Seara Cardoso**
 Encenação e cenografia de **Isabel Barros**
Teatro de Marionetas do Porto

Como um carrossel conta-nos a história de uma menina que vai crescendo numa espécie de viagem, ao longo da qual são lançadas muitas perguntas, que estimulam a sua relação com o Mundo. O público viaja através do olhar dessa menina e da forma espontânea como ela se relaciona com a vida. Escrito e encenado originalmente em 2006 por João Paulo Seara Cardoso (1956-2010) para o Teatro de Marionetas do Porto, *Como um Carrossel* conhece agora uma nova abordagem, baseada no texto *Como um carrossel à volta do sol*. Nesta nova versão, além da reescrita, foram incluídos momentos interpretados em Língua Gestual Portuguesa. Bem-vindos a esta caminhada pela vida — entre a alegria e a tristeza, o medo e a esperança —, partindo de um texto que incentiva o voo imaginativo das crianças.

O **Teatro de Marionetas do Porto** foi fundado em 1988. O repertório desta companhia começou por integrar o *Teatro Dom Roberto* (fantoques da tradição portuguesa), que João Paulo Seara Cardoso herdara das mãos de Mestre António Dias, o último dos bonecreiros itinerantes. Os espetáculos criados pelo TMP são maioritariamente fruto da pesquisa do património popular, sobretudo ao nível dos contos e das práticas e rituais teatrais do Norte de Portugal.

Marionetas e animação
João Apolinário
Francisco Magalhães
Música
Carlos Guedes
Desenho de luz
Filipe Azevedo
Adaptação para língua gestual portuguesa
Joana Cottim
Interpretação
Micaela Soares
Vitor Gomes
Produção
Sofia Carvalho
Design gráfico
Pedro Ramos
Co-produção
Teatro Municipal de Matosinhos
Constantino Nery
9 e 10 Mar.
Sábado às 16h
Domingo às 11h
Sala de Ensaios
Duração: 50 min. // M/3

o vento nos salgueiros



Texto a partir do romance de **Kenneth Grahame**
 Dramaturgia e encenação de **Teresa Gafeira**
Companhia de Teatro de Almada

Esta é uma história sobre o campo. Mas primeiro, o que é o campo? Todos sabem e ninguém sabe. O campo é um sítio onde não há casas ou há poucas casas. Evidentemente que uma cidade não pode ser um campo, por muita vontade que tenha disso. E depois, se não há casas, alguma coisa tem de haver no campo, pois se não houvesse nada não havia campo, e nós sabemos que o campo existe. Ora então a questão é: o que há no campo? No campo, em vez de casas há árvores. E claro que o campo não tem só árvores, isso é que era bom, o campo tem flores e até há aquele campo que tem cenouras, alfaces, couves, e é claro que este campo é diferente do das árvores, sim porque os campos não são todos iguais, como as cidades não são todas iguais.

E depois no campo há os bichos. Milhões e milhões. Dentro da terra, em cima da terra e acima da terra. Os que estão acima voam, é claro, e desde moscas, passando por borboletas e toda a espécie de aves, ele há de tudo. Em cima da terra, depende de onde é o campo. Pode haver vacas, ovelhas, cabras e porcos, mas esses costumam estar naquele campo que também tem cenouras e couves. No outro campo há muitos bichos de que quase ninguém sabe o nome. Ora, e tanta conversa para quê? Porque ninguém pode começar a contar uma história sobre quatro bichos no campo, sem explicar bem o que é o campo. Ora os tais bichos eram um rato de água, um toupeira, um texugo e um sapo.

Cenário e figurinos
Sérgio Loureiro
Desenho de luz
José Carlos Nascimento
Música (interpretação)
Inês Proença
Coreografia
Cláudia Nóvoa
Sonoplastia
André Oliveira
Interpretação
Bruno Realista
Diana Vaz
João Farraia
João Maionde
Pedro Walter
23 e 24 Mar.
Sábado às 16h
Domingo às 11h e às 15h
Sala de Ensaios
Duração: 50 min. // M/3
Perguntas ao palco!
23 e 24 Mar.

a grande viagem do pequeno mi



Co-criação de **Madalena Victorino**
com **Ana Raquel** e **Beatriz Marques Dias**
Miragem

Como é que eu começo a imaginar? O que é preciso para pôr a imaginação a trabalhar? Como é que se começa uma dança? Inspirada na obra *A grande viagem do pequeno mi*, de Sandro William Junqueira, esta peça decorre em cima de uma grande mesa, onde uma bailarina dança e uma música canta e toca. O público, sentado à volta, observa as duas de perto. Elas dançam, cantam e tocam para que os espectadores decifrem como são e de onde vêm os seus passos, os seus gestos, as suas figuras em movimento. Como é que se juntam aspectos do que as artistas vêem no momento em que dançam e tocam, com os micro-movimentos, olhares e poses do público que as observa? Mi, neste caso, é uma abreviação de micro-movimento. Ou seja: a fonte que sustenta todo o espectáculo. Eis um espectáculo sobre o poder da imaginação.

Madalena Victorino (n. 1958) estudou dança contemporânea, composição coreográfica e pedagogia das artes no The Place (London School of Contemporary Dance), no Laban Centre (Goldsmiths College, University of London) e na Exeter University. Nos anos de 1990 foi co-fundadora do Forum Dança, a primeira estrutura de dança independente em Portugal. Desenvolveu entre 1996 e 2008, no Centro Cultural de Belém, o primeiro espaço de fruição artística internacional para um público jovem. Entre 2008 e 2018 foi co-programadora do Festival *TODOS – Caminhada de Culturas*, uma iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Lisboa e da Academia de Produtores Culturais. Dirigiu a formação *O sentido dos Mestres* no Festival de Almada 2020.

6 e 7 Abr.

Sábado às 16h
Domingo às 11h
Sala de Ensaios // M/6

romance da raposa



Texto a partir do romance homónimo de **Aquilino Ribeiro**
Encenação e adaptação de **Teresa Gafeira**
Companhia de Teatro de Almada

Era uma vez um escritor chamado Aquilino Ribeiro (1885-1963), que um dia ofereceu a um filho seu pelo Natal uma história escrita por si. Era uma história que o escritor já tinha contado ao longo de várias noites a esse filho que, sentado nos joelhos do pai enquanto este contava, fazia perguntas ou então ficava calado. Esse escritor tinha crescido numa aldeia no Norte de Portugal e conhecia muito bem os animais que viviam perto dos seres humanos que habitavam o campo – como por exemplo as raposas, que roubavam ao “bicho-homem” as “galinhas parvinhas”. A peça é sobre uma raposa muito esperta e comilona que não gostava de comida de dieta (ervas e gafanhotos). Eis senão quando caiu a noite – pois a noite, ao contrário da manhã, que nasce, cai sobre a tarde e fica ali uma data de horas a ser só noite, fechada na escuridão. Ai como era terrível a fome para quem a tinha. Onde andava o texugo, que tinha sempre o que comer e que segundo constava tinha acabado de arranjar comida e da boa?

Alexandre Delgado, compositor e *violinista* (músico que toca uma violeta – ou viola de arco –, instrumento um pouco maior e de som mais grave do que o do violino), compôs a música original deste espectáculo. **António Lagarto**, escultor, *cenógrafo* (artista que cria o cenário, inventado por ele) e *figurinista* (artista que faz ou que escolhe as roupas e adereços dos actores), criou o ambiente visual desta peça. **Teresa Gafeira**, actriz e *encenadora* (artista que arranja uma maneira de contar uma história num palco, muitas vezes também dirigindo os actores), foi quem teve a ideia de fazer este espectáculo.

Música original
Alexandre Delgado
Cenário e figurinos
António Lagarto
Desenho de luz
José Carlos Nascimento
Movimento
Natasha Tchitcherova
Desenho de maquilhagem
Fátima Sousa
Piano
Alexei Eremine
Interpretação
Carolina Dominguez
Diana Vaz
João Farraia
João Maionde

20 e 21 Abr.

Sábado às 16h
Domingo às 11h
Sala de Ensaios
Duração: 40 min. // M/3

Perguntas ao palco!
20 Abr.

hansel e gretel



Direção artística

Sara Henriques

Rui Rodrigues

Música e interpretação

ao vivo

Pedro Cardoso

Ass. de encenação e vídeo

João Neto

Ilustração

João do Vale

Modelação 3D

Jorge Duarte Sá

Apoio ao movimento

Paula Moreno

Desenho de luz

Felipe Silva

Co-produção

Teatro Aveirense

Teatro Municipal de Ourém

Apoio

tecnologias imaginadas

4 e 5 Mai.

Sábado às 16h

Domingo às 11h

Sala de Ensaios // M/6

Texto, dramaturgia e interpretação de **Sara Henriques**

Red Cloud – Teatro de Marionetas

Com esta nova criação de *Hansel e Gretel*, a Red Cloud – Teatro de Marionetas pretende ir além da mera representação da famosa história tradicional, escrita pelos irmãos Grimm no século XIX. Em vez disso, é-nos proposto que reflectamos sobre alguns aspectos da sociedade actual. Em termos visuais, esta peça alia os novos recursos técnicos às linguagens e técnicas tradicionais de manipulação de objectos, o que resulta numa experiência interactiva e imersiva para o público.

Segundo a companhia, este *Hansel e Gretel*, estreado em Dezembro passado, procura “potenciar um pensamento consciente da natureza das coisas e das vontades, por meio de uma experiência participativa, imersiva e divertida, para o público infanto-juvenil e adulto, concebendo o poder simbólico das imagens como uma esfera promotora de significados”.

A Red Cloud - Teatro de Marionetas é uma companhia portuguesa sediada em Aveiro, fundada em 2013. Com base no mote ‘marionetas em movimento’, este grupo amplia o conceito de ‘marioneta’, tal como ele é encarado nos nossos dias. Actua em três eixos fundamentais: criação/circulação, serviço educativo e programação. A companhia é financiada pela DGArtes/Governo de Portugal.

dona raposa e outros animais



Cenografia

Ana Paula Rocha

Desenho de luz

José Carlos Nascimento

Máscaras e adereços

Carlos Cristo

Operação de luz e som

Paulo Horta

Interpretação

Diana Vaz

João Farraia

Pedro Walter

11 e 12 Mai.

Sábado às 16h

Domingo às 11h e às 15h

Sala de Ensaios

Duração: 50 min. // M/3

Perguntas ao palco!

11 e 12 Mai.

Fábulas de **La Fontaine**

Encenação de **Teresa Gafeira**

Companhia de Teatro de Almada

Era uma vez muitas histórias curtas inventadas mas muito verdadeiras, protagonizadas por animais e outros seres vivos (uma árvore, uma cana), sobre assuntos importantes da vida das pessoas, como por exemplo a alegria no trabalho – uma coisa que quase nunca há mas que era mesmo importante que houvesse, como se pode ver pela história da cigarra “cantaroladeira” e “bailariqueira” e da formiga triste que tinha um trabalho tão chato e repetitivo que até parecia uma máquina de apanhar grãos, sem coração nem alegria para o encher, como as pessoas que só trabalham e se esquecem de que há outras coisas na vida.

Estas histórias todas, muito boas para pensar, umas cómicas e outras não, também falam sobre a esperteza e a vaidade (de quem dá e recebe graxa por troca de alguma coisa, por exemplo), a mentira e o engano, a aparência que não mostra e às vezes até esconde o que está dentro de nós (um gato bonito e mau, um galo feio e bom), são contadas por uma raposa que gosta muito de uvas que nunca mais amadurecem: talvez seja de propósito, uma lição da Natureza, que é para ela aprender a esperar!

Jean de La Fontaine (1621-1695) foi um escritor francês que escreveu 239 fábulas(!), algumas inesquecíveis, e que vão ser contadas para sempre, pois nunca mais nasceu alguém que conseguisse escrever sobre esses assuntos melhor do que ele. A encenadora Teresa Gafeira transformou (mas só um bocadinho) algumas dessas histórias, para elas ficarem ainda mais verdadeiras.

os gatos



A partir de *O livro dos gatos* de **T. S. Eliot**
 Encenação de **Teresa Gafeira**
Companhia de Teatro de Almada

Era uma vez muitos gatos, com muitos nomes, alguns muito es-
 trambólicos, e outros que eram só deles, e não diziam a ninguém.
 Havia um a quem chamavam Tigre Ronrom, que apesar de dançar
 muito bem, era tão esquisito, tão esquisito, que não gostava de fes-
 tinhas, só fazia disparates e, sobretudo, apenas o que lhe apetecia.
 Havia outra, uma gata velha, a quem chamavam Sarapintada, que
 passava os dias sentada ou deitada a guardar energia para as noites
 – altura em que parecia que ficava outra vez nova, e dava aulas de
 canto e de solfejo aos ratos, cozinhava para eles ou treinava-os para
 serem escuteiros. Dois outros, Matalote e Rapioca – que nomes ma-
 ravilhosos! –, eram gatos vadios que, para além de serem grandes
 especialistas nas artes do circo, miavam o *Singin' in the Rain* melhor
 que o Gene Kelly e eram ainda mais famosos do que ele. E havia
 ainda uns gatos que ensaiavam pinotes em pensamento e sonhavam
 com a lua cheia durante o dia, para à noite irem ao baile, dançar e
 cantar que nem uns malucos.

Os gatos é inspirado nos poemas de *O livro dos gatos*, escrito por um
 senhor chamado Tomás (*Thomas*, em inglês, *Tom* para a família e os
 amigos): **T. S. Eliot** (1888-1965), um grande (ou seja, muito bom)
 poeta norte-americano, tão grande que até ganhou o Prémio Nobel
 da Literatura em 1948. A encenadora **Teresa Gafeira** escolheu al-
 guns poemas desse livro e criou uns gatos que só podem ser vistos
 no teatro. *Os gatos* é uma espécie de aula de “gatologia”, que é uma
 palavra que ainda não está nos dicionários mas que faz muita falta.

Desenho de luz
José Carlos Nascimento
Cenografia
Ana Paula Rocha
Operação de luz e som
Paulo Horta
Interpretação
Diana Vaz
João Farraia
Miguel Martins
Pedro Walter

1 e 2 Jun.

Sábado às 16h
 Domingo às 11h e às 15h
 Sala de Ensaios
 Duração: 50 min. // M/3

Perguntas ao palco!

1 e 2 Jun.

händel... lá com essa música!



Texto de **Rita Taborda Duarte**
 Encenação de **Teresa Gafeira**
Companhia de Teatro de Almada

Esta história é sobre dois reis ingleses chamados Jorge (*George*, em
 inglês) e duas músicas que o compositor alemão também chamado
 Jorge (*Georg*, em alemão) Friedrich Händel escreveu para eles no
 século XVIII. Primeiro, foi o Rei Jorge I quem pediu a Händel que
 lhe fizesse uma música sobre a água, para ele poder ouvir dentro
 do rio Tamisa numa noite de Verão durante as Festas de Londres.
Música Aquática (de 1717) foi um grande sucesso – colcheias e se-
 mi-colcheias cheias de água lá dentro criaram uma música mara-
 vilhosa, que nesse dia transformou o rio no palco de um grande
 concerto. Foi num domingo esplendoroso, o Rei Jorge I disse um
 poema que ele tinha escrito, e depois todos mergulharam, e desco-
 briram que o que havia dentro do rio era o que havia fora do rio
 – menos os peixes.

Muito tempo depois, foi a vez de o Rei Jorge II pedir a Händel que
 compusesse uma música sobre o fogo. Händel pegou na sua pena, e
 vai disto: uma música a arder que quase pegava fogo às partituras,
 não fosse dar-se o caso de aquele ser um fogo de paz, que incendiou
 os corações de todos para celebrar o fim da guerra. *Música para os*
Reais Fogos-de-Artificio (de 1749) também foi um grande sucesso,
 e todos dançaram uns com os outros, e Händel até dançou com o
 próprio rei, como as senhoras sem par nos bailaricos.

O pai de **Georg Friedrich Händel** (1685-1759) queria que ele
 fosse advogado mas Händel escolheu dedicar a sua vida à música
 e foi para Inglaterra. Escreveu mais de 600 peças musicais, todas
 muito boas. Um dia tornou-se inglês.

Cenografia e figurinos
Jean-Guy Lecat
Desenho de luz
José Carlos Nascimento
Marionetas e adereços
Maria João Vieira
Teresa Varela
Operação de luz e som
Paulo Horta
Interpretação
Carolina Dominguez
João Farraia
João Maionde

21 e 22 Set.

Sábado às 16h
 Domingo às 11h e às 15h
 Sala de Ensaios
 Duração: 50 min. // M/3

Perguntas ao palco!

21 e 22 Set.

exercícios de ser criança e outros aprendimentos



Encenação de **Isabel Craveiro**

O Teatrão

Esta peça para a infância consiste também numa oficina em que os mais novos inventam palavras e articulam a linguagem com a observação do Mundo. Partindo da escrita do poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2914) e criado em parceria com uma Escola Básica de Coimbra, este espectáculo foi construído a partir do encontro de formas, jeitos, pronúncias e sentidos de falar uma mesma língua pelos alunos portugueses e brasileiros das turmas com quem a equipa artística trabalhou. Há um menino que carregava água com uma peneira e um menino apanhador de desperdícios. Há meninos e meninas que se enchem de ‘desimportâncias’ e que descobrem o prazer do olhar fresco para todas as coisas que nos rodeiam.

O Teatrão é, desde 1984, uma companhia profissional com a missão de aproximar a arte teatral das comunidades e territórios, promovendo a igualdade de acesso às suas actividades por todos os públicos, através de práticas inclusivas, fruto da sua posição política sobre o papel da arte e da cultura no desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades. Graças à singularidade da formação académica e experiência profissional da sua equipa — constituída por encenadores/actores/dramaturgos/pedagogos, entre outros profissionais das artes performativas — este grupo de Coimbra procura articular e aprofundar a dimensão artística e pedagógica de todos os projectos em que se envolve.

5 e 6 Out.

Sábado às 16h
Domingo às 11h
Sala de Ensaios // M/6

pastéis de nata para bach



Dramaturgia de **Pedro Proença** e **Teresa Gafeira**

Encenação de **Duarte Guimarães**

Companhia de Teatro de Almada

À luz das velas, comendo nozes, empunhando uma caneta de pena que é também uma *batuta* (uma espécie de varinha que os maestros usam), Bach compõe a sua *Cantata BWV 147*, uma música que torna religiosa até mesmo uma pedra muito surda e teimosa – uma música que parece mesmo que está à procura e que parece mesmo que faz perguntas. E está! E faz! Com a sua peruca de cabelo branquinho e rabo de cavalo, calçando sapatilhas @All Star, correndo entre a sua mesa de trabalho e o *cravo* (não a flor assim chamada mas o instrumento musical, o “pai” do piano), Bach escreve, experimenta, escreve mais, experimenta outra vez. Os filhos (Bach teve 20 filhos...!) inspiram-no, e ele escreve o seu famoso *Minuete em Sol Maior*, muito bom para dançar com passinhos levezinhos. Mas talvez o título mais estrambólico de todas as suas obras seja *O cravo bem temperado* (1726-1744). Bem temperado? Com sal e pimenta? Ou com açúcar e canela, como se costuma fazer aos pastéis de nata? Bach era guloso. Por isso, para esta história, Teresa Gafeira e Pedro Proença inventaram que ele comia pastéis de nata e que não conseguia compor música sem comer esses pastéis.

Johann Sebastian Bach (1685-1750) é considerado “o Shakespeare da música clássica”, ou seja, o mais *glorioso* compositor de todos os tempos. *Organista* (tocador de órgão), depois *mestre-de-capela* (director de um coro de igreja), foi o mais importante compositor de uma longa *dinastia* (pessoas célebres que pertencem à mesma família) de músicos. A sua música é linda, enérgica, muitas vezes comovente.

Cenografia e figurinos

Pedro Proença

Desenho de luz

José Carlos Nascimento

Movimento

JPB

Desenho de som

Miguel Laureano

Operação de luz e som

Paulo Horta

Interpretação

Bruno Realista

Carolina Dominguez

Diana Vaz

João Farraia

Pedro Walter

19 e 20 Out.

Sábado às 16h
Domingo às 11h
Sala de Ensaios
Duração: 50 min. // M/3

Perguntas ao palco!

19 Out.

não



Textos de **Afonso Cruz**

Ideia e encenação de **Giacomo Scalisi**

Lavrar o Mar

NÃO nasceu do diálogo entre **Giacomo Scalisi** e o escritor **Afonso Cruz** sobre os seus livros *Paz traz paz* e *O livro do ano*, bem como de alguns textos inéditos que surgiram após várias trocas de ideias. Esta criação parte da vontade de falar com todo o público, particularmente com as crianças e os jovens, sobre a importância de se poder pensar em liberdade. *NÃO* lembra-nos das coisas inesquecíveis: é a história de um 'sim' que deveria ter sido 'não'. Três mulheres fundem-se numa só para nos explicar que os monstros podem existir, e que ganham forma com as mais pequenas coisas e com os medos mais infundados. Se outrora se defendeu que a normalidade vinha da liberdade de cada um ser como é, hoje diz-se que devemos todos comportar-nos de maneira igual, para proteger as 'pessoas de bem'. *NÃO* mostra-nos três vozes diferentes, que comprovam que a harmonia é possível e que é mais bela do que o unísono. Giacomo Scalisi dedica este espectáculo ao seu "professor da escola primária, que foi a primeira pessoa a dizer-me que devemos defender a liberdade conquistada através da resistência".

Giacomo Scalisi vive em Portugal desde 1998. Desde então, tem desenvolvido várias actividades como programador cultural, director artístico e criador, realizando um trabalho de concepção de programas de espectáculos, exposições e festivais em torno das artes contemporâneas, que incluem o teatro, a dança, a música, o novo-circo e as artes plásticas. Co-dirige, com Madalena Victorino, o projecto de criação e programação cultural *Lavrar o Mar*, sediado em Aljezur.

Criação musical

Ana Root

Co-criação musical

e ouvido exterior

Pedro Salvador

Direcção técnica

e desenho de luz

Joaquim Madail

Interpretação e co-criação

Ana Root

Rita Rodrigues

Sofia Moura

16 e 17 Nov.

Sábado às 16h

Domingo às 11h

Sala Experimental

Duração: 60 min. // M/6

tudo tem um começo



Texto e encenação de **Teresa Gafeira**

Companhia de Teatro de Almada

A infância, em si, é um começo, uma promessa para o desconhecido. Por isso as crianças querem conhecer, perceber, e efabulam sobre o que não conhecem. Como começou o Universo? Como apareceu de repente uma folha na terra? Como tive uma ideia?... Tudo está ligado: o começo, o crescimento, a explosão. Citemos um poema de Peter Handke, chamado *Cancão da infância*:

"Quando a criança era criança

Era o tempo das perguntas:

Por que é que eu sou eu, e não sou tu?

Por que é que estou aqui, e não ali?

Quando começou o tempo, e onde termina o espaço?

Não será a vida sob o sol um mero sonho?

Aquilo que vejo e oiço e cheiro,

Não será só a aparência de um mundo em frente ao mundo?"

30 Nov. a 22 Dez.

Sábado às 16h

Domingo às 11h e às 15h

Sala de Ensaios // M/3

Perguntas ao palco!

30 Nov.

1, 7, 8, 14 e 15 Dez.

oficinas para a infância



Em 2024 regressam as oficinas para as crianças. Aos fins-de-semana, sob a orientação de criadores provindos de diversas áreas artísticas, os mais novos vão poder descobrir as várias vertentes da actividade teatral — da construção de um texto à criação de figurinos, passando pela representação e pela cenografia. Bem-vindos a um espaço de liberdade, onde todos poderão dar voz à imaginação e explorar o seu potencial criativo.

A inscrição tem o valor de 5€ (2,5€ para os jovens membros do Clube de Amigos) e está limitada a 10 crianças por cada período.

vamos explorar o teatro azul

Visita-jogo, por Paula Barroso

Quando vamos ao teatro, sentamo-nos na plateia e assistimos ao que se passa no palco. Mas o que será que se esconde atrás dos cenários? O que existirá para lá do que vemos? E o que acontece quando se desligam as luzes e o público regressa a casa? Esta não é uma visita-guiada ao TMJB, mas sim uma visita-jogo.

Paula Barroso é jornalista e dedica-se desde há alguns anos ao jornalismo infantojuvenil. Tem formação em Filosofia com Crianças e Dança Criativa (movimento Amálgama).

um teatro que cabe na mala

Artes plásticas, por Carolina Celas

Que tamanho tem um teatro? Depende! Nesta oficina, os mais novos são desafiados a criar um conjunto de personagens num cenário tridimensional que viaja debaixo do braço.

Carolina Celas é ilustradora e autora do livro *Horizonte* (Orfeu Negro). A poesia do seu trabalho convida crianças a imaginar lugares sem limites, explorando o detalhe, o humor e o surreal.

27 Jan. e 28 Set.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

3 Fev. e 26 Out.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

máscaras de revolução

Artes plásticas, por A Porta Amarela

As máscaras são mágicas: contêm poderes que nos permitem falar mais alto. Por vezes deixam-nos ser mais nós mesmos, e noutras fazem-nos ser alguém que nunca fomos. Sabiam que antigamente, nos palcos de teatro gregos, as mulheres eram representadas por homens mascarados? Pensando nas mulheres, na força e na voz que têm, convidamo-vos a pensar na máscara como uma forma de poder revolucionário. Vamos fazer máscaras de papel e descobrir o que queremos dizer ao Mundo!

A Porta Amarela é um projecto de mediação artística nascido em 2009, com o objectivo de contribuir para a educação da sensibilidade artística das crianças. Actualmente, conta com seis artistas de diversas áreas, como dança, cinema, artes plásticas e teatro.

histórias aos pedaços

Escrita criativa, por Paula Barroso e Fernando Carvalho

Há histórias com princípio, meio e fim. Outras parecem nunca mais acabar. E há ainda aquelas que não têm pés nem cabeça. São histórias direitinhas ou estrambólicas, inventadas por uma pessoa ou contadas por muita gente. Nesta oficina vamos inventar histórias, ginastacar a imaginação e dar asas à criatividade.

Fernando Carvalho é professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico e dedica-se à escrita jornalística e literária há mais de 10 anos. Escreve sobre literatura infantojuvenil na revista *VISÃO Júnior* e é autor do livro infantil *A Pior Amiga* (Edições Gailivro).

mais drama, por favor!

Expressão dramática, por Joana Sabala

O que é isso de representar? Os actores trabalham mesmo ou só brincam a fingir? Através do jogo dramático, as crianças são levadas a experimentar alguns exercícios que fazem parte do trabalho de um actor, como movimento, voz e dicção, expressão verbal e não-verbal e improvisação. Juntos e através do jogo, vamos despertar os sentidos para conhecer melhor o outro e o mundo em que vivemos.

Joana Sabala é professora de Expressões Artísticas e formadora teatral. Colabora regularmente com a Associação Cultural O Mundo do Espectáculo como actriz, criadora, encenadora ou produtora. Desde 2007, coordena e desenvolve projectos de educação pela arte e de intervenção em contexto escolar através da expressão dramática.

24 Fev. e 23 Nov.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

2 Mar.

25 Mai. e 2 Nov.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

16 Mar. e 27 Abr.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

onde um coração bate, muitas vezes cantam

Voz e música, por Mariana Ramos Correia

Bocejar, espreguiçar e esticar-mo-nos: assim se começa a acordar o corpo para cantar. Explorando algumas técnicas vocais, jogos de concentração e dinâmicas de grupo, iremos encontrar a nossa própria voz. Procurando a pulsação certa, vamos explorar melodias antigas e inventaremos outras novas para, juntos, formarmos um coro.

Mariana Ramos Correia utiliza a voz e o violoncelo como meios de expressão artística, complementando-a com a dança, improvisada ou de cariz tradicional, e o teatro. Integra os projectos musicais *O lado de dentro*, *Madraça*, *Um, dois, trio* e *Orquestra do Bairro* — estes dois últimos da Associação PédeXumbo.

queremos liberdade!

Oficina-manifestação, por Paula Barroso e Fernando Carvalho

Quando falamos de liberdade pensamos em liberdade de expressão, de imprensa, de pensamento, de associação. E as crianças, no que pensam quando pensam em liberdade? Serão elas livres? E para que querem a liberdade se somos nós, os adultos, os responsáveis por elas? Nesta oficina, damos tempo às crianças para reflectirem sobre a sua liberdade... e exigi-la! O resultado será uma manifestação, a que todos poderão assistir.

viagens, culturas e roupa

Criação de figurinos, por Ainhoa Vidal

Pegando nos livros *Atlas das viagens e dos exploradores* e *Costumes*, viajaremos pelo Mundo à procura de outras culturas, outros tempos, e outras formas de encarar a vida. A partir de um jogo de misturar e combinar peças de roupa improváveis, encontraremos personagens e histórias que nunca tínhamos imaginado.

Ainhoa Vidal é actriz e bailarina. Trabalha há vários anos como figurinista para teatro, dança e música. Sobre esta oficina diz-nos: “Encontro neste campo da construção teatral uma grande liberdade artística na criação das *personas* e dos seus universos. Convido-vos ao maravilhoso mundo dos figurinos”.

30 Mar. e 12 Out.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

13 Abr.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

18 Mai. e 9 Nov.

Às 15h dos 5 aos 8 anos

Às 16h dos 9 aos 12 anos

perguntas ao palco!

Sessões de filosofia com crianças, por **Paula Barroso**



O que os filósofos e as crianças têm em comum é a capacidade de maravilhar-se com o Mundo.

Mathew Lipman*

Este ano há uma novidade: sessões de filosofia com crianças! Estas conversas irão decorrer após a apresentação das criações da CTA para a infância, tendo como ponto de partida a peça a que os mais novos acabaram de assistir. As crianças serão incentivadas a expressar as suas ideias e perguntas, orientadas por uma facilitadora, que estimulará o diálogo e o pensamento crítico. Aprenderemos a formular questões significativas, a ouvir atentamente os colegas, a defender as nossas opiniões com argumentos sólidos e a respeitar diferentes pontos de vista. Não procuraremos respostas definitivas, mas sim promover a reflexão, estimular a curiosidade e a empatia, e fortalecer o raciocínio lógico.

Estas sessões acontecem aos sábados e alguns domingos à tarde, têm um custo adicional de 1€ ao bilhete para o espectáculo, e são limitadas a 12 participantes, entre os 5 e os 12 anos.

Sessões

10 e 17 de Fevereiro: *Vêrði que te quero Vêrði*

23 e 24 de Março: *O vento nos salgueiros*

20 de Abril: *Romance da Raposa*

11 e 12 de Maio: *Dona Raposa e outros animais*

1 e 2 de Junho: *Os gatos*

21 e 22 de Setembro: *Händel... lá com essa música!*

19 de Outubro: *Pastéis de nata para Bach*

30 de Novembro: *Tudo tem um começo*

1, 7, 8, 14 e 15 de Dezembro: *Tudo tem um começo*

*Filósofo americano, reconhecido como o fundador da filosofia para crianças

da _ i

i i i i i i

me ç a

_ i i i i i

i i _ i i i

d e a

i i i i i i

me ç a _

nuit - peça curta para três malabaristas



Criação colectiva de **Nicolas Mathis**,
Julien Clément e **Remi Darbois**
Le Collectif Petit Travers (França)

Nuit lança-nos numa sucessão vertiginosa de acontecimentos — sem pausas nem tempo para tomar fôlego —, como se nos precipitássemos num mundo paralelo, apanhados de surpresa e sem conseguirmos entender o turbilhão de emoções que nos assaltam. A esta peça virtuosa são bem-vindos os adultos — mas também os mais novos. Em suma, é-nos proposto um espectáculo para assistir em família. Deparamo-nos com três personagens, num espaço fechado. É de noite e está escuro. Não há imagens, nem sons. E, de repente, deflagra um ruído que faz surgir a luz: vislumbramos algumas figuras, uma chama, uma bola. Eis os protagonistas. A partir daí, cada uma destas figuras esforça-se por organizar o caos: uma bola deixa de ser apenas uma bola e é já uma multidão, uma manada, ou um verme que se imiscui por entre as frinchas das portas ou das janelas. É neste ambiente intimista — assaz permeável aos pequenos ruídos, vindos de todo o lado — que o nosso olhar mergulha, orientando-se apenas pela luz ténue de algumas velas em cena. Mais do que malabarismo, vivemos momentos de pura magia.

Fundado em 2004, o Collectif Petit Travers é dirigido desde 2011 por Nicolas Mathis e Julien Clément. A actividade deste grupo centra-se na criação de espectáculos de malabarismo de grande formato, fortemente ligados às artes de palco: já colaboraram inclusive com alguns nomes seminais da dança contemporânea, como Pina Bausch, Maguy Marin ou Josef Nadj, entre outros. Em Outubro de 2020 apresentaram-se no TMJB (obtendo enorme êxito) com *Dans les plis du paysage*.

Cenografia
Olivier Filipucci
Arranjos musicais
Denis Fargeton
Ilusionismo
Yann Frisch
Interpretação
Nicolas Mathis
Julien Clément
Remi Darbois

17 e 18 Fev.

Sábado às 21h
Domingo às 16h
Sala Principal
Duração: 45 min. // M/6

mono-no-aware



Estreia

Intérpretes e co-criadores

Mariana Tengner Barros

Noeli Kikuchi

Rafael Alvarez

Desenho de luz

Nuno Patinho

Produção e difusão

Bodybuilders

Rafael Alvarez

Co-produção

Festival Citemor, Teatro

Municipal de Faro, FMK

International Dance Festival

27 e 28 Abr.

Sábado às 21h
Domingo às 16h
Sala Experimental
Duração: 60 min. // M/6

Dir. artística, coreografia e realização plástica de **Rafael Alvarez**
Co-apresentação: **Transborda / Casa da Dança**

“*Mono-no-aware* (物の哀れ), o ‘pathos das coisas’, é um termo japonês dificilmente traduzível por ‘uma empatia para com as coisas’ ou ‘uma sensibilidade especial para com as coisas efêmeras’. Na literatura clássica e poesia japonesa, refere-se ao ideal estético do *mono-no-aware*, que implica uma sensibilidade particular de consciência e capacidade de resposta para alguma coisa, um objeto inanimado ou mesmo um ser vivo, ou uma resposta emocional sobre uma pessoa. Este projecto coreográfico interpela e convoca diferentes materiais imagéticos e poéticos, partindo deste lugar de memória e evocação, e simultaneamente de aceitação e contemplação do tempo presente e da sua transitoriedade. Um corpo nostálgico que se desequilibra entre dois filtros temporais e duas realidades, o passado, o presente e uma ideia de futuro. As imagens morrem em palco e são levadas para fora dele? Se um corpo não se dissolvesse, não desaparecesse como nevoeiro, as coisas perderiam o poder de nos mover?”.

Rafael Alvarez

Rafael Alvarez nasceu em Lisboa em 1976, onde vive e desenvolve o seu trabalho como coreógrafo, intérprete, cenógrafo, figurinista, investigador e professor. O seu trabalho coreográfico tem sido apresentado desde 1997 um pouco por todo o Mundo, aprofundando uma dimensão plástica da dança, e revelando uma forte componente visual na construção do corpo-espaco e da linguagem coreográfica que se mostra enigmática, simbólica, poética e minimalista. É o co-fundador e director artístico da BODYBUILDERS – Dança Contemporânea.

para tocar e não prender



Concepção, criação e direcção de **Cristian Duarte**

Lab/Performance

Co-apresentação: **Transborda / Casa da Dança**

Interpretação

30 performers seleccionados
por convocatória pública

“Movimentar o corpo, a memória, as palavras e as coisas que nos atravessam na atualidade com vontade de criar arranjos para delirar a vida diante de uma realidade insuportável. É com essa tensão que este laboratório-performance se envolve, visando provocar uma experiência coletiva impulsionada por tudo o que nos compõe e nos comove. Vasculhar com dança uma capacidade de sentir o sangue correndo na veia que perfura a carne cheia de sonho, que ri, e que chora. Será que algum dia perderemos a capacidade de nos emocionar? Este caminho será excitado por uma ideia de ficção que venho estimulando nos últimos anos em uma zona de pesquisa que chamo de ficção química / dramaturgia tátil, que olha para a ficção enquanto uma extensão háptica da realidade, e para a química enquanto agente de emoção que navega nas entranhas da performatividade e suas variedades de representação”.

Cristian Duarte

Nascido em São Paulo, o coreógrafo **Cristian Duarte** fez a sua formação no Estúdio e Cia Nova Dança dessa cidade, graduando-se na Performing Arts, Research and Training Studios de Bruxelas. A sua prática artística tem sido marcada pela criação de contextos para a experimentação e a formação em dança. As suas criações têm sido galardoadas com os principais prémios de dança no Brasil, e apresentadas internacionalmente. Cristian Duarte foi um dos curadores das Ações Artísticas da Bienal Sesc de Dança 2019, tendo já obtido cinco prémios atribuídos pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

3 e 4 Mai.

Sexta e sábado às 21h

Sala Experimental

Duração: 60 min. // M/6

forces of nature



Conceito, texto e coreografia de **Ivana Müller**

Co-apresentação: **Transborda / Casa da Dança**

Cenografia

Alix Boillot

Desenho de luz

Fanny Lacour

Figurinos

Suzanne Veiga Gomes

François Maurisse

Paisagem sonora

Cornelia Friederike Müller

Nils De Coster

Colaboração artística

Anne Lenglet

Jonas Rutgeerts

Interpretação e co-autoria

Julien Gallée-Ferré

Sylvain Riéjou

Daphne Koutsafti

Anne Lenglet

Julien Lacroix

Irina Solano

Bahar Temiz

Vincent Weber

10 Mai.

Sexta às 21h • Sala Principal

Duração: 75 min. // M/6

Forces of Nature desafia a ideia de movimentos de grupo nos seus contextos físicos, sociais e ambientais. Como e por que são criados, quais são suas potencialidades, e quais são seus efeitos sobre os seus ambientes, sejam eles imediatos ou distantes? Com base nestas reflexões, este espectáculo acompanha o movimento de um organismo articulado e complexo, composto por cinco corpos (pessoas) com diferentes energias e ideias. Os seus desejos podem não ser os mesmos, mas têm um objectivo comum: a construção de um espaço físico e imaginário que partilham. A peça torna-se numa viagem por uma paisagem em permanente transformação, composta por gestos, palavras e relações que questionam o sentido e o potencial daquilo que ‘temos em comum’, a noção de interdependência, a sustentabilidade dos recursos, a importância de ‘cuidar’, a ideia de esforço, a relevância das escolhas individuais e colectivas, e a necessidade de agir.

Ivana Müller é uma coreógrafa e autora croata, que vive e trabalha em Paris. Através do seu trabalho coreográfico e teatral — bem como das suas *performances*, instalações, textos, videoconferências e peças áudio —, esta artista repensa a política do espectáculo e do espectacular, investigando o lugar do imaginário e da imaginação, questionando a noção de ‘participação’, e investigando a ideia de ‘valor’ e a sua representação. Nos últimos vinte anos as suas criações têm sido apresentadas nalguns dos mais relevantes teatros e festivais da Europa, Estados-Unidos e Ásia. Há já algum tempo que vem desenvolvendo o seu trabalho em torno da reflexão sobre a ecologia, concebendo os locais de prática artística e os teatros como ecossistemas.

shechter, wellenkamp, naharin



Companhia Nacional de Bailado

Em *Uprising*, de **Hofesh Shechter**, sete homens emergem das sombras para preencher o palco com uma energia furiosa, criando laços e lutando, fazendo as pazes e desentendendo-se novamente. São impulsionados por uma força que parece levá-los cada vez mais longe, antes de desaparecerem na escuridão. Eis uma peça altamente contagiante e enérgica, que inclui uma partitura de percussão pulsante, escrita pelo próprio criador. Estreada em 2006, esta obra integra agora o repertório da CNB, sendo assinada por um dos mais vibrantes coreógrafos da actualidade.

A segunda peça deste programa, *Triple Bill*, consiste numa nova criação de **Vasco Wellenkamp**. Considerado uma figura destacada da dança portuguesa contemporânea, Wellenkamp tem levado a cabo vários projectos que contribuíram para o desenvolvimento desta arte de palco, destacando-se a criação da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo e a direcção artística da CNB, entre 2007 e 2010. O seu legado artístico é ímpar: a sua criatividade vive num estado de ebulição permanente.

A noite termina com *Minus 16*, que tem uma partitura musical marcadamente eclética — de Dean Martin ao *mambo*, e do *techno* à música tradicional israelita. Nesta obra, **Ohad Naharin** recorre à improvisação e ao seu aclamado método 'Gaga', que se baseia na compreensão e pesquisa do movimento através da conexão entre corpo e mente. Naharin partiu de peças anteriores para desenvolver uma nova obra, levando a cabo um trabalho de reorganização que lhe permitiu encarar as suas criações de diferentes ângulos, mantendo uma coerência estilística. Confirma-se a sua tendência para, no final, pôr o público a dançar.

Interpretação

Bailarinos da CNB

Uprising

Coreografia e música

Hofesh Shechter

Desenho de luz

Lee Curran

Triple Bill

Coreografia

Vasco Wellenkamp

Minus 16

Coreografia e figurinos

Ohad Naharin

Desenho de luz

Bambi

Assistente do coreógrafo

Erez Zohar

23 a 25 Mai.

Quinta, sexta e sábado às 21h

Sala Principal // M/6

muda



Assistente dir. artística

Félix Lozano

Assist. artística e acrobática

Bruno Machado

Juliana Moura

Interpretação

Charlotte Zeidler

Atte Rimpelä

Carlos Pinto

Lorenzo Rossi

Paola Caruso

Figurinos

José António Tenente

Desenho de luz

Valter Alves

Espaço cénico

André Santos

14 Dez.

Sábado às 21h

Sala Principal

Duração: 80 min. // M/6

Concepção e direcção artística de **Clara Andermatt**

Companhia Clara Andermatt

e **Instituto Nacional de Artes do Circo**

MUDA visa espelhar em cena a diversidade da condição humana, criando oportunidades para o desenvolvimento das suas múltiplas expressões. Fá-lo através da arte circense, um território fértil para o exercício da criatividade, dada a sua natureza composta e sempre em transformação. Clara Andermatt propõe-se explorar o trabalho performativo em correlação com a estética do cinema mudo, evidenciando a expressão da pantomima, do cru e do grotesco, abrindo portas à fantasia e à ilusão. Os intérpretes e as suas características dominantes constituirão o propulsor criativo para explorar a articulação entre a fisicalidade e a dramaturgia dessa expressão cinematográfica, realçada pela marcante atmosfera sonora. O humor entrelaça-se com a tragédia, a fantasia com a realidade, e a violência com o amor.

A **Companhia Clara Andermatt** desenvolve e suporta as actividades artísticas e pedagógicas da coreógrafa Clara Andermatt. Centra a sua actividade na criação, produção, formação e cooperação de projectos artísticos. Conta com mais de 60 criações da coreógrafa, apresentadas em 20 países. A diversidade de propostas e abordagens artísticas amplia a sua audiência para além do público de dança.

O **Instituto Nacional de Artes do Circo** é a primeira estrutura criada no Norte de Portugal a desempenhar um papel de relevo na formação de jovens artistas de circo e na difusão e implementação do Circo Contemporâneo em território nacional. O INAC promove a inter-relação das várias disciplinas do circo com outras linguagens artísticas.

mmn ú n

si ca

l _ h u n
l _ h u n
i i i i i

ti _ i i i i
i i i i i

ni m ú s

i m m m a

a viúva alegre



Opereta em versão de concerto

Direcção musical de **Antonio Pirolli**

Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do TNSC

OPART – Teatro Nacional de São Carlos

A viúva alegre, de Franz Lehár, estreada em 1905 em Viena sob a direcção do autor, continua a ser uma das mais amadas operetas vieneses. Nesta obra é relatada uma história de amor e (muito) dinheiro — ingredientes que os palcos manobram eficazmente há séculos. O sucesso desta composição foi enorme e imediato, tendo-se rapidamente tornado num êxito internacional. Numerosíssimos teatros de ópera incluíram-na nas suas temporadas, e aclamadas estrelas líricas (como Elisabeth Schwarzkopf, Joan Sutherland, ou Beverly Sills Sills) incluíram-na nos seus reportórios.

Alguns dos trechos de *A viúva alegre* continuam a ser trauteados no Mundo inteiro. Esta obra tem também suscitado o interesse da sétima arte: a partir dela fizeram-se filmes de Michael Curtiz, Erich von Stroheim, Ernst Lubitsch, Werner Jacobs, entre outros. Verdadeira obra imortal, *A viúva alegre* continua a deleitar plateias no Mundo inteiro, graças ao seu profundo carácter humanista. Sublinhe-se que o compositor húngaro Franz Lehár (1870-1948) reconhecia o tenor português Tomás Alcaide como o grande intérprete da sua obra.

O **Coro do Teatro Nacional de São Carlos** tem oitenta anos. Criado em 1943, sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem actuado sob a direcção de destacados maestros. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direcção de Antonio Brainovitch. Giovanni Andreoli assumiu a direcção do Coro em 2004. Sob a sua batuta, sucederam-se êxitos num vasto e variado reportório. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde Janeiro de 2021.

3 Jan.

Quarta às 21h

Sala Principal

Duração: 90 min. // M/6

orquestra de jazz do algarve



Direcção musical de **Hugo Alves**

No concerto com que festejamos a apresentação da Programação 2024 do TMJB ao público, a Orquestra de Jazz do Algarve interpretará alguns temas do reportório de Thad Jones, uma das referências do jazz mundial — não só como músico, mas também como orquestrador e *band-leader* da ‘sua’ Thad Jones-Mel Lewis Orchestra. Neste concerto, Clara Buser dará voz a alguns desses *standards*, bem como a uma série de temas que já gravou com a OJA em orquestrações originais, tais como *Bye Bye Blackbird*, *All Of me*, *Tenderly* e *Footprints*. Estas escolhas reflectem parte do percurso da OJA nos últimos anos.

A **Orquestra de Jazz do Algarve** foi fundada em 2004 por Hugo Alves, e tem Residência Artística em Lagoa. Ao entrar no ano em que celebra o seu vigésimo aniversário, a actividade da Orquestra desdobra-se entre as vertentes de música, divulgação e educação, tendo-se apresentado até hoje em mais de 500 concertos por todo o País e em Espanha. Para algumas destas apresentações foram convidados artistas reconhecidos internacionalmente, como Benny Golson, Dena DeRose, Tom Harrell, Rick Margitza, Vânia Fernandes, Paula Oliveira, Hugo Lippi, Tutu Puoane, Jane Monheit, entre outros.

Voz

Clara Buser

Saxofones

Ricardo Pires, Rita Nunes,

Luis Miguel, António Flosa

e Jéssica Lourenço

Trompetes

Hugo Alves, Leon

Baldesberger, Roberto Costa

e Daniel Tapadinhas

Trombones

Nestor Díaz, André Ramalhais,

Jesus Jimenez e Felipe Andrades

Secção Rítmica

Piano

Diogo Russo

Contrabaixo

Hugo Santos

Bateria

Filipe Sequeira

5 Jan.

Sexta às 21h

Sala Principal

Duração: 50 min. // M/6

iberian impressions



Ciclo de Música de Câmara
Apoio: **Share Foundation**

Concepção e interpretação de **Paulo Oliveira**
Comentários de **Alexandre Delgado**

Eis uma viagem pela música ibérica para piano. Este recital inicia-se e termina com duas obras de construção marcadamente formal, que funcionam como alicerces de todo o programa: a *Sonatina* de Armando José Fernandes e a de Xavier Montsalvatge. Serão também tocados dois ciclos com obras de carácter nacionalista: a suite *España*, de Isaac Albéniz, e a primeira série das *Cenas portuguesas*, de José Vianna da Motta. Haverá ainda espaço para um conjunto de obras de Pedro Blanco, um compositor espanhol que se radicou na cidade do Porto, onde passou praticamente metade da sua curta vida. Fortemente enraizado na vida cultural da cidade e do País, Blanco acaba por ser um exemplo ímpar da fusão entre a cultura portuguesa e a espanhola.

Paulo Oliveira apresentou-se em concerto em vários continentes e gravou para rádios e televisões europeias e americanas. Em Portugal tocou em salas como o CCB, a Casa da Música, a Gulbenkian, o Teatro Rivoli, o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro São Luiz. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica da Universidade do Kansas, a Orquestra Clássica de Espinho, a Orquestra do Algarve, a Orquestra do Norte, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direcção, respectivamente, dos maestros Nicholas Uljanov, Steven McDonald, Pedro Neves, Ferreira Lobo, Cesário Costa, Jean-Marc Burfin e Daniel Klajner. Mantém uma carreira bastante activa na área da música de câmara, tendo colaborado com músicos como Teresa Valente Pereira, Adriana Ferreira, Jill Lawson, Iva Barbosa, Marco Pereira, Nuno Silva, Janete Santos, Daniel Cunha, entre outros. O seu disco *Iberian Impressions*, recentemente lançado pela Odradek Records, recebeu um Global Music Award nos EUA, na categoria Classical Piano.

13 Jan.

Sábado às 21h
Sala Experimental
Duração: 75 min. // M/6

jorge palma



Bairro da Música

Jorge Palma é um caso musical raro no nosso País. Compositor e intérprete admirado pelos colegas de profissão, e amplamente amado pelo público, é um artista demasiado célebre para assumir o papel de génio obscuro, e demasiado genuíno e rebelde para ser encarado como um músico previsível e formatado. O seu percurso de vida tem-se feito invariavelmente a par da música. Exímio pianista, começou a aprender este instrumento apenas com seis anos de idade. Durante a adolescência, e a par da formação erudita, interessa-se pelo *rock'n'roll* — e, de um modo geral, pela música popular americana e inglesa. Durante os anos 70 e o princípio da década de 80 do século passado, o seu percurso artístico dividiu-se entre as primeiras edições fonográficas em Portugal e as ruas e carruagens de metro de cidades europeias. Terminou o Curso Superior de Piano em 1990, e no ano seguinte editou o emblemático álbum *Só* — apenas com voz e piano. Nessa mesma década formou o grupo Palma's Gang, e mais tarde integrou projectos como os Rio Grande ou os Cabeças no Ar. Ao longo da sua vasta carreira lançou vários discos de originais, compôs éxitos para si próprio e para outros intérpretes, e somou vários discos de ouro, tendo atingido a marca da dupla platina com *Voo nocturno*.

A sua obra contém canções transversais, incluindo temas como *Frágil*, *Deixa-me rir*, *Dá-me lume* ou *Encosta-te a mim*, que se tornaram hinos atemporais. Em 2023 lançou um novo (e muito aguardado) álbum, após uma pausa de 12 anos na gravação de originais: *VIDA* encontra-se actualmente em digressão por todo o País. E porquê uma dúzia de anos de espera? Palma responde-nos na primeira pessoa: “Não sou aquele gajo que se levanta de manhã e passa não sei quantas horas a escrever. Nunca fui essa pessoa, nem hei-de ser”.

Guitarra acústica e coros

Francisco Palma

Acordeão

Gabriel Gomes

Bateria

João Correia

Baixo

Nuno Lucas

Guitarras, coros e direcção musical

Pedro Vidal

Guitarra acústica, teclados e coros

Vicente Palma

20 Jan.

Sábado às 21h
Sala Principal
Duração: 90 min. // M/6

sinfonia n.º 4 de tchaikovsky



Direcção musical de **Miguel Sepúlveda**
Orquestra Gulbenkian

Programa
 Robert Schumann
Abertura de "Manfred", op. 115
 Piotr Ilitch Tchaikovsky
Sinfonia n.º 4 em Fá menor, op. 36

Na segunda metade de 1877, a composição da *Sinfonia n.º 4, em Fá menor, op. 36*, de Piotr Ilitch Tchaikovsky, acompanhou uma fase especialmente difícil da vida do compositor, marcada pelo fracasso do seu casamento com Antonina Milyukova. Os desapontamentos e as fragilidades da experiência conjugal foram então confidenciados nas cartas que o compositor russo dirigiu ao seu irmão, Modest, e à sua protectora e dedicatária da obra, Nadezhda von Meck.

Vencedor do Prémio Jovens Músicos 2022, **Miguel Sepúlveda** desenvolve uma carreira entusiasmante, entre a nova geração de jovens maestros. Em 2023 dirigiu a BBC Philharmonic e a Orquestra Gulbenkian, entre outras. Em Portugal é regularmente convidado para dirigir, tendo-se estreado recentemente com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Até ao final da temporada 23/24 terá já dirigido todas as orquestras portuguesas.

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de actividade, a **Orquestra Gulbenkian** (denominação adoptada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efectivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. O finlandês Hannu Lintu é actualmente o seu Maestro Titular.

25 Jan.
 Quinta às 21h
 Sala Principal
 Duração: 60 min. // M/6

camerata atlântica: uma década de música



Ciclo de Música de Câmara
 Apoio: **Share Foundation**

Solista
 Francisca Galante (viola)

Direcção de **Ana Beatriz Manzanilla**
 Comentários de **Alexandre Delgado**

A orquestra Camerata Atlântica festeja dez anos de existência e vem celebrá-los ao TMJB, onde se tem apresentado por diversas vezes ao longo da última década. Para o concerto com que festeja este aniversário, o agrupamento escolheu um repertório diversificado, assinalando-se a presença de destacados compositores portugueses contemporâneos. Vamos poder ouvir as seguintes obras: *Xikhongelo (prece) para cordas*, de Estêvão Chissano, em estreia absoluta; *Romanze para viola e cordas Op. 85*, de Max Bruch; *Suite de tangos*, de Sérgio Azevedo, também em estreia absoluta, dedicada à Camerata Atlântica; *Fuga con Pajarillo*, de Aldemaro Romero; e *Sinfonietta para cordas*, de Joly Braga Santos.

A Camerata Atlântica é um projecto musical fundado em 2013 pela violinista Ana Beatriz Manzanilla, a sua directora artística. Tendo como base 11 instrumentistas profissionais de cordas, a Camerata tem a flexibilidade de poder ser alargada a uma formação mais ampla. Com dois CD's editados, esta orquestra apresenta-se regularmente nas principais salas portuguesas, tendo criado o Concurso Nacional de Cordas "Vasco Barbosa" e realizado já várias *masterclasses* com renomados intérpretes.

28 Jan.
 Domingo às 16h
 Sala Principal
 Duração: 90 min. c/ intervalo
 M/6

9.ª sinfonia de beethoven



Direcção musical de **Antonio Pirolli**
Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do TNSC
OPART – Teatro Nacional de São Carlos

Solistas

Susana Gaspar (soprano)
Maria Luísa de Freitas
(meio-soprano)
Luís Gomes (tenor)
Luís Rodrigues (baixo)

A *Sinfonia n.º 9 (A coral)* — estreada em 1824 e a última de Beethoven — é considerada um símbolo precursor do Romantismo, dado que, pela primeira vez, um destacado compositor incorporou numa sinfonia a voz humana como elemento estrutural, atribuindo-lhe uma relevância equivalente à dos instrumentos. Esta obra acabou por tornar-se num modelo seguido por variadíssimos compositores (de Gustav Mahler a Luciano Berio) nos séculos vindouros. O texto — um excerto da *Ode à alegria*, de Friedrich Schiller — surge cantado no último andamento. Graças ao seu marcado cariz humanista, esta sinfonia acabou por tornar-se num símbolo de fraternidade, tendo sido escolhida, inclusivamente, como hino da União Europeia, num arranjo de Herbert von Karajan. A *Nona* de Beethoven é uma das mais amadas e interpretadas sinfonias do repertório musical de todo o Mundo, tendo já sido executada numerosíssimas vezes pelos dois corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos.

Antonio Pirolli é actualmente o maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Originário de Roma, foi director musical da ópera de Ancara (1995-2001) e de Istambul (2001-2005), tendo já dirigido óperas em importantes salas de espectáculos, como o Teatro Colón (Buenos Aires), o Hessisches Staatstheater (Wiesbaden), o Teatro dell'Opera (Roma), o Teatro alla Scala (Milão), o Teatro Carlo Felice (Génova) e o Teatro Bellini (Catânia).

4 Fev.

Domingo às 16h
Sala Principal
Duração: 75 min. // M/6

cassete pirata



Produtores Associados

Os **Cassete Pirata** são unanimemente considerados uma banda firmada na cena *indie* portuguesa. Do seu percurso discográfico fazem parte o seu EP homónimo de estreia (2017), e os álbuns *A montra* (2019) e *A semente* (2021). A sua sonoridade depressa se converteu na banda sonora dos muitos Verões em que percorreram milhares de quilómetros, apresentando-se nos festivais de música portugueses, de Norte a Sul. Com o ano de 2024 reservado para uma digressão nacional, os Cassete Pirata estão já de olhos no próximo álbum original da banda.

Nas próprias palavras de João Firmino (voz e guitarra), Margarida Campelo e Joana Espadinha (teclados e voz), António Quintino (baixo) e João Pinheiro (bateria), o álbum *Semente* veio consolidar um trabalho e um olhar acutilantes sobre a sociedade portuguesa. João Firmino exemplifica que “lembro-me de na escola me ter deparado com um desenho de um triângulo que representava a estrutura de uma sociedade profundamente injusta, onde no topo se via uma classe dominante, em oposição a uma outra, que a suportava. Essa imagem de injustiça ficou-me na memória para sempre. As últimas décadas trouxeram lutas e discussões ferozes para descobrir, em democracia, como contrariar essa estrutura. Mudaram os actores mas a pirâmide mantém-se”.

10 Fev.

Sábado às 21h
Sala Principal
Duração: 90 min. // M/6

júbilo



Ciclo de Música de Câmara

Apoio: **Share Foundation**

Concepção de **Ângela Silva** e **Francisco Sassetti**

Comentários de **Alexandre Delgado**

Júbilo junta num recital para piano e canto a soprano Ângela Silva e o pianista Francisco Sassetti: dois artistas habituados a trabalhar juntos, e que já gravaram vários CDs. Para esta ocasião os dois músicos elegeram um repertório eclético, que reúne várias épocas e estilos distintos, incluindo canções de Gioachino Rossini, Federico García Lorca, Ludwig van Beethoven, Yann Tiersen, Claude Debussy, Astor Piazzolla, António Rebelo Neves e Wolfgang Amadeus Mozart, entre outros. Ouviremos trechos atravessados pelo êxtase — mas também por uma certa melancolia.

Ângela Silva é licenciada em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, tendo frequentado o Trinity College of Music, em Londres. Apresenta-se regularmente enquanto solista com coros, *ensembles* e orquestras, como a Orquestra Clássica do Sul, a Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Capela Real, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra do Norte. Colabora regularmente com o compositor Rodrigo Leão.

Francisco Sassetti concluiu o Curso Geral de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa, na classe de Dinorah Leitão, e o curso da Escola Superior de Música de Lisboa, na classe de Tania Achot. Foi premiado no 1.º Concurso da Juventude Musical Portuguesa, em 1988, o ano em que se iniciou como concertista. Tem colaborado com centenas de músicos nacionais e estrangeiros. Estreou diversas obras de compositores portugueses e nos últimos anos tem composto para piano solo, e para piano e violoncelo.

20 Abr.

Sábado às 21h

Sala Experimental

Duração: 60 min. // M/6

5.ª sinfonia de beethoven



**Concerto de Abertura
do Festival de Música
dos Capuchos 2024**

Programa

Ludwig van Beethoven

Sinfonia N.º 5 Opus 67

Restante programa a anunciar

29 Mai.

Quarta às 21h

Sala Principal

Duração: 80 min. // M/6

Direcção Musical de **Victor Julien-Laferrière**

Orquestra Sinfónica de Paris *Consuelo*

Co-apresentação: **Festival de Música dos Capuchos /TMJB**

Em 2024, o Festival de Música dos Capuchos é inspirado pela(s) ideia(s) de Liberdade ao longo da História da Música e dedica o Concerto de Abertura a Ludwig van Beethoven, cuja música sempre se regeu pelos princípios da liberdade, colhendo inspiração no Iluminismo. Obra-prima indiscutível, a Quinta Sinfonia de Beethoven é uma poderosa manifestação musical que evoca a luta contra adversidades e o triunfo da liberdade. Composta essencialmente entre 1807 e 1808, teve a sua primeira apresentação pública a 22 de Dezembro de 1808, em Viena, sob a batuta do próprio compositor. A obra inicia-se com um incisivo motivo de quatro notas – provavelmente, o mais célebre gesto musical de toda a História da Música.

Para interpretar a 5.ª *Sinfonia* neste concerto, apresentamos a estreia em Portugal de um dos projectos orquestrais mais audaciosos surgidos nos últimos anos: a **Orchestre Consuelo** de Paris. Fundada em 2019 por iniciativa do maestro e violoncelista francês Victor Julien-Laferrière, a orquestra tem como missão abordar o repertório sinfónico através da lente exigente da música de câmara, o que tem levado a vibrantes interpretações elogiadas pela crítica especializada em festivais e salas de concerto de referência, como o Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, os Sommets Musicaux de Gstaad ou a Folle Journée de Nantes, na qual protagonizou o Concerto de Encerramento, transmitido ao vivo pelo canal Arte. Após um primeiro álbum dedicado a Brahms, para a editora Mirare, o próximo projecto discográfico da Orchestre Consuelo é dedicado à gravação da integral das Sinfonias de Beethoven.

na colónia penal



**Ópera integrada
no Festival de Música
dos Capuchos 2024**

Cenografia

André Guedes

Desenho de luz

Eduardo Abdala
Manuel Abrantes

Figurinos

José António Tenente

Movimento

Miguel Pereira

Cantores

André Henriques
Frederico Projecto

Performers

João Gaspar
Paulo Quedas

2 Jun.

Domingo às 18h
Sala Principal
Duração: 80 min. // M/12
Espectáculo em inglês,
com legendas em português

Música de **Philip Glass** • Libreto de **Rudolph Wurlitzer**
Dir. musical de **Martim S. Tavares** • Enc. de **Miguel Loureiro**
O Rumo do Fumo
Co-apresentação: **Festival de Música dos Capuchos / TMJB**

Chegado a uma colónia penal numa ilha sem nome, um visitante depara-se com um complexo engenho de execuções pronto a funcionar sobre um condenado anónimo. A zelar pela máquina impiedosa encontra-se um oficial, única pessoa que compreende o seu funcionamento e acredita na sua razão de ser. A partir do conto homónimo de Franz Kafka, adaptado por Rudy Wurlitzer, a ópera de câmara *Na colónia penal* foi composta em 2000 pelo norte-americano Philip Glass, um dos mais influentes compositores do final do século XX e do início do século XXI.

Na colónia penal é um clássico moderno que propõe uma reflexão intensa sobre a frágil dualidade da razão humana, onde a fronteira ténue entre a justiça e a injustiça é explorada e atravessada com mestria narrativa. A apresentação desta ópera, inserida no Festival de Música dos Capuchos 2024, cuja programação é inspirada pela liberdade e pelo cinquentenário do 25 de Abril, permite traçar um paralelo com a terrível memória da *Colónia Penal do Tarrafal*, o campo de concentração criado em 1936 pelo Estado Novo.

metamorfoses de liberdade



**Concerto de Encerramento
do Festival de Música
dos Capuchos 2024**

Programa

Edward Elgar
Serenata Opus 20
Joseph Haydn
*Concerto para violoncelo
e orquestra N.º 1*
Pyotr Tchaikovsky
Serenata Opus 48

16 Jun.

Domingo às 18h
Sala Principal
Duração: 80 min. // M/6

Direcção musical de **Wolfgang Emanuel Schmidt**
Orquestra de Câmara de Berlim *Metamorphosen*
Co-apresentação: **Festival de Música dos Capuchos / TMJB**

O Concerto de Encerramento do Festival de Música dos Capuchos, programado em 2024 sob o signo da liberdade, apresenta a estreia em Portugal da aclamada Orquestra de Câmara de Berlim *Metamorphosen*. Imbuída de espírito romântico, a Orquestra de Câmara de Berlim *Metamorphosen* interpreta, para abrir e encerrar este concerto, duas célebres serenatas em que a liberdade de expressão se sente desde a primeira nota: a *Serenata Opus 20* de Edward Elgar, de 1892, e a *Serenata Opus 48* composta por Pyotr Tchaikovsky em 1880. Enquadrada pela liberdade romântica de Elgar e Tchaikovsky, emerge a fantasia e a liberdade virtuosística do *Concerto para Violoncelo e Orquestra N.º 1* de Joseph Haydn, obra da segunda metade do séc. XVIII, que permite apreciar os extraordinários dotes de Wolfgang Emanuel Schmidt, um dos mais destacados violoncelistas da actualidade.

Fundada em 2010 e com três álbuns editados pela Sony Classics, a *Kammerphilharmonie Metamorphosen Berlin* tem sido elogiada pela extraordinária sonoridade e sensibilidade musical. Sob a direcção artística do prestigiado maestro e violoncelista alemão Wolfgang Emanuel Schmidt, *Metamorphosen* aspira à concretização do seu ideal sonoro inspirado pelo Romantismo Musical, período caracterizado pelo desejo de liberdade em várias facetas da criação, desde a expressão emocional até à estrutura formal, à orquestração e ao individualismo artístico.

carolina deslandes



Sons em Trânsito

Carolina Deslandes é uma das mais destacadas artistas da nova geração de cantores e compositores portugueses. Com milhões de visualizações nas plataformas digitais, tem trilhado um percurso meteórico desde a sua estreia, afirmando-se como uma das principais referências da música nacional contemporânea, sobretudo para os mais jovens.

Em 2010, com apenas 19 anos, participou no programa *Ídolos*. Em 2012, *Não é verdade*, que alcançou 4.1 milhões de visualizações, seria o seu primeiro *single* a passar nas principais rádios portuguesas, extraído do álbum homónimo. Em 2014 edita *Blossom* e *Mountains*, um dueto com Agir que se tornou num sucesso sem precedentes. Em 2023 editou o seu mais recente álbum, *CAOS*, no qual estão incluídos alguns *singles* de sucesso, como *Vai lá* e *Saia da Carolina*. Autora de temas que são conhecidos de quase todos, como *Avião de papel* e *A vida toda*, Carolina Deslandes tem esgotado algumas das principais salas de espectáculos do País: em Janeiro de 2022 esgotou os Coliseus de Lisboa e do Porto, tendo recebido nesse mesmo ano o Globo de Ouro de Melhor Actuação pelo seu concerto no Coliseu dos Recreios.

5 Out.

Sábado às 21h

Sala Principal

Duração: 90 min. // M/6

as quatro estações de vivaldi



Ciclo de Música de Câmara

Apoio: Share Foundation

Interpretação

Inês Vaz

Pedro Santos

19 Out.

Sábado às 21h

Sala Experimental

Duração: 50 min. // M/6

Transcrição para acordeão de **Inês Vaz** e **Pedro Santos**

Comentários de **Alexandre Delgado**

As quatro estações de Antonio Vivaldi (1678-1741) é umas das obras mais populares da música barroca. Composta por quatro pequenos concertos para violino e orquestra de cordas, esta composição fortemente imagética, inspirada por quatro sonetos, evoca os estados da natureza associados a cada uma das estações do ano, criando uma empatia imediata com a audiência, que facilmente se deixa fascinar pela diversidade dos ambientes sonoros e pelo extremo virtuosismo exigido aos músicos. Inês Vaz e Pedro Santos propõem-nos uma abordagem verdadeiramente original, ao interpretarem esta icónica peça com dois acordeões.

Inês Vaz tem sido premiada como intérprete a solo e em agrupamentos de música de câmara. Musicalmente, dedicou-se ao estudo dos estilos clássico e contemporâneo, com um crescente interesse pelo *jazz*, que a levou a estudar harmonia e improvisação. Divide a sua actividade entre o ensino de acordeão e de piano, performance e composição. Foi solista com o Coro Gulbenkian, com a Camerata Atlântica, e colabora frequentemente com artistas como Vitorino ou Salvador Sobral. Em 2021 editou o disco a solo *Timeless Suite*.

Pedro Santos tem sido premiado em diversos concursos, apresentando-se regularmente a solo. A convite da Orquestra Sinfónica do Porto actuou com Luciano Pavarotti. Já partilhou o palco com orquestras e projectos colectivos, como a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Lusotango, o NewMusicCollective ou o Bayan Quartet. É músico residente do projecto *Concertos para bebés*. Tem colaborado com intérpretes como Dulce Pontes e Teresa Salgueiro. No teatro, integrou espectáculos do Teatro Aberto, da Cornucópia, e d'O Bando. Lecciona em várias academias de música portuguesas.

jardim clássico



Ciclo de Música de Câmara
Apoio: **Share Foundation**

Interpretação

Leonel Patrício (saxofone)

Teresa Milheiro (voz)

Cláudio Vaz (piano)

Concepção de **Leonel Patrício** e de **Teresa Milheiro**

Comentários de **Alexandre Delgado**

Partindo da ideia de *Natureza* enquanto fonte de inspiração para a criação musical, Leonel Patrício e Teresa Milheiro conceberam para este concerto um programa com um arco temporal de quase dois séculos, desde o barroco até à música impressionista. É-nos proposta uma viagem que vai do bucolismo e da contemplação próprios do período clássico, até ao desassombro da linguagem romântica. Ouviremos composições de Antonio Vivaldi, Frédéric Chopin, Franz Liszt, Joseph Haydn, Henri Duparc, Clara Schumann, Felix Mendelssohn, Johannes Brahms e Claude Debussy.

Leonel Patrício é um saxofonista e director musical que se tem destacado enquanto instrumentista, mas também como pedagogo. Desde muito cedo manifestou um profundo interesse pelo trabalho nas classes de conjunto, um tema abordado na sua tese de mestrado. Com uma carreira musical de 20 anos, tem actuado enquanto saxofonista a solo e integrado em vários agrupamentos. Tem igualmente regido orquestras, coros e pequenos agrupamentos musicais.

Teresa Milheiro iniciou os estudos musicais aos cinco anos. Concluiu o Curso Complementar de Canto no Conservatório de Música do Porto, e a Licenciatura em Canto Teatral no Conservatório Superior de Música de Gaia. Tem vindo a interpretar um repertório variado, tanto a solo como em *ensemble*, nos géneros de oratória, ópera e canção. Com especial gosto pela música sacra, tem interpretado obras de Mozart, Bach, bem como temas de Haendel, Haydn e Rossini.

23 Nov.

Sábado às 21h

Sala Experimental

Duração: 50 min. // M/6

luísa sobral



Músicos

Manuel Rocha

(guitarra)

António Quintino

(baixo e contrabaixo)

Carlos Miguel Antunes

(bateria)

7 Dez.

Sábado às 21h

Sala Principal

Duração: 90 min. // M/6

Sons em Trânsito

Luísa Sobral abre as portas ao *pop* solar de *DanSando*, o seu sexto álbum de originais. Produzida por Tó Brandileone (vencedor de um Grammy Latino), esta sua nova aventura discográfica consiste num trabalho íntimo e pessoal, mas também socialmente consciente e implicado, reunindo canções que se assumem como ainda mais luminosas e nas quais a matéria-prima é o amor. *DanSando* é um álbum que a sua autora admite constituir “uma ode à vida, que eu já queria fazer há muito tempo”. A faceta de Luísa Sobral enquanto compositora tem vindo ao longo do tempo a ganhar relevo, tendo já chegado a compor para artistas como Ana Moura, António Zambujo, Sara Correia, Mayra Andrade, entre outros. Em 2017 assina *Amar pelos dois*, o célebre tema interpretado pelo seu irmão, Salvador Sobral, vencedor do Festival Eurovisão da Canção.

Desde que se estreou, Luísa Sobral tem colaborado com artistas e produtores de renome internacional: Jamie Cullum e Mário Laginha foram convidados a participar no seu segundo álbum (*There's a Flower in My Bedroom*, 2013); Joe Henry produziu o disco homónimo da artista em 2016; Raúl Refree produziu o álbum *Rosa* (2018); e Zahara, com quem a cantora editou em 2020 o *single* *Todo Lo Que No Está*.

concerto de natal



Direcção musical de **Martim Sousa Tavares**
Orquestra do Algarve

A Orquestra do Algarve propõe-nos um programa a um tempo clássico e original, revisitando o imaginário de Hans Christian Andersen. Texto e música irão caracterizar este concerto, que foge aos estereótipos musicais e dá a ouvir três obras do século XX em estreia nacional. Eis um concerto perfeito para reunir a família e celebrar o espírito do Natal através da música, da imaginação e da curiosidade. Poderemos ouvir a *Noite de Natal*, de Max Reger (1873-1916); a *Noite de Natal das crianças*, de Niels Gade (1817-1890); e *In Terra Pax, Christmas Scene*, de Gerald Finzi (1901-1956).

A **Orquestra do Algarve** foi fundada em 2002, tornando-se Orquestra Clássica do Sul em Setembro de 2013, com vista a desenvolver a sua actividade de promoção e divulgação da música erudita nas regiões do Algarve e Alentejo. Em 2023 iniciou um novo ciclo, retomando a sua denominação original. Composta por músicos de catorze nacionalidades, a multiculturalidade sempre foi uma das suas características, conseguindo reunir em palco profissionais criteriosamente seleccionados em concursos de índole internacional.

Martim Sousa Tavares (Lisboa, 1991) formou-se em Ciências Musicais e Direcção de Orquestra entre Lisboa, Milão e Chicago, cumprindo esse percurso com honras académicas e bolsas Fulbright e da Eckstein Foundation. Funda em 2014, em Bréscia, a Orchestra di Maggio, seguindo-se em 2019 a Orquestra Sem Fronteiras, com sede em Idanha-a-Nova, tendo-se apresentado em mais de 100 localidades entre Portugal, Espanha e Brasil. Em 2022 esta orquestra venceu o Prémio Carlos Magno para a Juventude, atribuído pelo Parlamento Europeu, e o prémio de música da *Mirpuri Foundation*. É maestro titular da Orquestra do Algarve desde Janeiro de 2023.

Narrador
Rui Baeta

21 Dez.

Sábado às 21h
 Sala Principal // M/6

CLUBE DE AMIGOS

Mais do que ver, ajude a fazer.

O Clube de Amigos do TMJB, criado em 1988, é o núcleo de espectadores que apoiam as actividades do Teatro, beneficiando de várias condições especiais. Estamos certos de que podemos contar com o apoio de todos os que consideram a importância da arte e da cultura nas suas vidas.



Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes

Menu Clube de Amigos por 10€ e Menu Almoço por 7,40€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada

Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos

10% de desconto na Farmácia Louro, em Almada

O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

Novo membro

Geral	50€
Grupo (10 espectadores)	250€
Benemérito	mínimo 100€

Renovação anual (até um mês após o limite da validade)

Geral	45€
Sénior	37,50€
Jovem	25€
Grupo	250€

Nota: O Cartão de Grupo não dá direito a desconto para acompanhantes nos espectáculos acolhidos, e a sua renovação anual tem de ser efectuada por todos os elementos. Por outro lado, nas produções da CTA, este cartão dá desconto de 50% aos acompanhantes do titular, sem limite de espectadores.

COMP

RE

VIEW

ES

FOR

THE

PROJECT

IS

a censura ao teatro

Co-apresentação: **Arquivo Ephemera / CTA**
 Documentação: **José Pacheco Pereira e Rita Maltez**
 Cenografia / Instalação: **José Manuel Castanheira**
 Pesquisa e textos: **Guilherme Filipe**

A Censura foi talvez a mais eficaz arma do regime da ditadura, cujos efeitos ainda hoje sentimos. Muito mais do que a subversão do “político”, o que a Censura protegia era o poder, todas as hierarquias que dele emanavam, exigindo, mais do que respeito, “respeitinho”. Em 48 anos, em que não houve um único dia sem Censura, foi este o seu legado.

O teatro foi um dos muitos objectos da actividade censória. Debruçamo-nos sobre o caso da peça *Deus lhe pague*, do dramaturgo brasileiro Joracy Camargo (1898-1973), que, tendo sido “aprovada”, sofreu ainda assim uma tal quantidade de cortes que tornavam a sua representação um verdadeiro desafio. O Arquivo Ephemera possui o exemplar “autorizado” — em que assenta esta exposição —, no qual é possível verificar os cortes dos censores e compreender a mentalidade e os objectivos de quem cortava, mesmo aprovando.

a explosão da liberdade pelos olhos do teatro

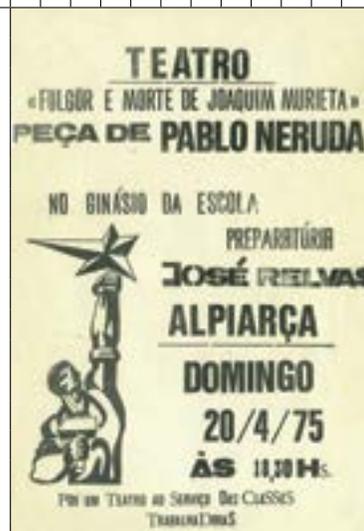
Co-apresentação: **Arquivo Ephemera / CTA**
 Documentação: **José Pacheco Pereira e Rita Maltez**
 Concepção plástica: **José Manuel Castanheira**

Após o 25 de Abril de 1974 houve uma explosão de liberdade que se manifestou de múltiplas formas, das quais o teatro é um exemplo particularmente vivo. Desde o teatro de arte até à ‘revista à portuguesa’ — de cariz mais popular e satírico —, expomos um conjunto de programas de espectáculos originais e de cartazes das numerosíssimas peças — com alcance político e social, muitas delas abordando temas da actualidade de então — que os mais diversos teatros levaram à cena na segunda metade da década de 70. Este absoluto surto de liberdade constituiu a verdadeira ‘anti-censura’, da qual esta exposição dá alguns exemplos.

Contratei um rapaz
 mais e lembra-me
 mente em casa, na
 meus lindos «robe
 air, **Karl Marx**. . .
 te. E' o meu secre
 , um excelente c
 há maior número
 logia.

5 Jan. a 27 Mar.

Qui a sáb. das 19h às 21h30
 Dom. das 13h às 19h
 Galeria de exposições



12 Abr. a 16 Jun.

Qui a sáb. das 19h às 21h30
 Dom. das 13h às 19h
 Galeria de exposições

25 de abril: os dias, as pessoas e os símbolos

Co-apresentação: **Arquivo Ephemera / CTA**
 Documentação: **José Pacheco Pereira e Rita Maltez**
 Concepção plástica: **José Manuel Castanheira**

Esta exposição de materiais diversos pertencentes ao Arquivo Ephemera é composta por quatro núcleos de objectos bastante diferentes entre si e com variadas origens, desde acervos pessoais a exemplares destinados a serem destruídos e entretanto respigados. A mostra encontra-se organizada segundo quatro temas:

- I – *Os dias de Revolução*: jornais, revistas e panfletos publicados e distribuídos no dia 25 de Abril e seguintes.
- II – *Os protagonistas*: um conjunto de objectos representando alguns dos protagonistas do período revolucionário.
- III – *Os símbolos*: objectos e fotografias com símbolos dos partidos políticos surgidos após a Revolução dos Cravos.
- IV – *A democratização da política*: calendários e autocolantes referentes às eleições autárquicas, após a normalização da vida política.

manter a memória do dia da liberdade

Co-apresentação: **Arquivo Ephemera / CTA**
 Documentação: **José Pacheco Pereira e Rita Maltez**
 Concepção plástica: **José Manuel Castanheira**

Se há país em que a liberdade e a democracia ‘explodiram’ na sua iconografia, esse país é Portugal, depois do 25 de Abril de 1974. Nas paredes, nas ruas, nas casas, no chão, à mesa, na lapela dos casacos, por cima dos fatos-macaco, nos capacetes das obras e das fábricas, usando todos os materiais: tinta, papel, pano, plástico, vidro, metal, acetato, lona, barro, ferro, stencil, para os comunicados e para os grafitos, todas as formas de cerâmica, selos de correio, etc..

A memória física do 25 de Abril de 1974, repetida ano após ano, é uma recriação dos seus valores de liberdade e de democracia. No Arquivo Ephemera está guardada uma vasta e diversa quantidade destes materiais políticos, dos quais destacamos aqueles que se destinam a preservar a memória da Revolução.



5 Jul. a 27 Out.

Qui a sáb. das 19h às 21h30
 Dom. das 13h às 19h
 Galeria de exposições



8 Nov. a 22 Dez.

Qui a sáb. das 19h às 21h30
 Dom. das 13h às 19h
 Galeria de exposições

i m n f a

i i i _ +

r m n a

s s s

e o s s

r v i c

+ i i i i

s s

serviço ao público

O Teatro Municipal Joaquim Benite dispõe de um programa regular de actividades e serviços, bem como de um conjunto de condições especiais que facilitam a vinda ao Teatro de estudantes e outros grupos organizados de espectadores:

- Preços especiais para grupos escolares
- Disponibilização de dossiers pedagógicos sobre os espectáculos
- Colaboração na organização de transporte colectivo

Temos gosto em mantê-lo(a) informado(a) e em envolvê-lo(a) nas nossas actividades. Gostamos de esclarecer as suas dúvidas e estamos ao dispor para receber as suas sugestões e/ou propostas. Contacte-nos!

Conversas com o público

As conversas com o público, no *foyer* do TMJB, constituem uma oportunidade para conversar sobre os espectáculos, tanto com as equipas artísticas envolvidas na sua criação, como com personalidades cujo contributo para o debate se revele particularmente interessante. As conversas acontecem aos sábados, às 18h, durante a carreira das criações da CTA. A entrada é livre.

Ensaios abertos

Dar vida a um espectáculo de teatro é um processo complexo, que envolve uma equipa artística e técnica que ensaia durante várias semanas. Trata-se de um processo que a CTA quer partilhar. Em cada produção, dar-se-á oportunidade a estudantes e professores de assistirem a ensaios e debaterem, com os encenadores e actores, o trabalho a que assistiram.

Visitas guiadas para grupos

As visitas ao TMJB, um dos edifícios mais modernos da cidade de Almada, realizam-se de terça a sexta (excepto no mês de Agosto), entre as 10h e as 13h, para um máximo de 30 pessoas. As visitas têm a duração de uma hora e devem ser agendadas com, pelo menos, uma semana de antecedência.

Carina Verdasca // Pedro Walter

publico@ctalmada.pt // www.ctalmada.pt // + 351 21 273 93 60 // + 351 96 496 00 05

informações úteis

Bilheteira

Horário: de quarta a sábado das 13h30 às 22h30 • domingo das 13h30 às 19h30

Tel.: 21 273 93 60 • Tlm.: 917 433 120

E-mail: bilheteira@ctalmada.pt

Bilheteira online: www.ctalmada.bol.pt

Reservas

- Nos espectáculos acolhidos, as reservas são exclusivas para os membros do Clube de Amigos, e o levantamento dos bilhetes terá de ser feito até sete dias antes da sessão.
- As reservas são válidas durante 15 dias.
- Nos espectáculos da CTA, as reservas são respeitadas até 24h antes do início da sessão.
- Os bilhetes adquiridos não são reembolsáveis.

Acesso de pessoas com mobilidade condicionada

O TMJB está preparado para receber espectadores condicionados fisicamente que tenham de deslocar-se em cadeiras de rodas.

Bar

O Bar do TMJB está aberto de quarta a sábado das 13h30 às 22h30 e aos domingos das 13h30 às 19h30, prolongando o período de funcionamento nos dias de espectáculo.

Contactos gerais

Morada: Teatro Municipal Joaquim Benite • Avenida Professor Egas Moniz • 2804-503 Almada

Tel.: 21 273 93 60

E-mail: geral@ctalmada.pt

www.ctalmada.pt

www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada

Instagram: @teatromunicipaljoaquimbenite

espectáculos para digressão

se isto é um homem

Texto de **Primo Levi**
Encenação de **Rogério de Carvalho**

music-hall

Texto de **Jean-Luc Lagarce**
Encenação de **Rogério de Carvalho**

händel... lá com essa música!

Texto de **Rita Taborda Duarte**
Encenação de **Teresa Gafeira**

romance da raposa

A partir do romance de **Aquilino Ribeiro**
Música original de **Alexandre Delgado**
Encenação e adaptação de **Teresa Gafeira**
Cenários e figurinos de **António Lagarto**

pastéis de nata para bach

A partir de **Johann Sebastian Bach**
Dramaturgia de **Teresa Gafeira** e **Pedro Proença**

verdi que te quero verdi

A partir de **Giuseppe Verdi**
Encenação de **Teresa Gafeira**

os gatos

A partir de *O livro dos gatos* de **T. S. Eliot**
Encenação de **Teresa Gafeira**

dona raposa e outros animais

A partir das fábulas de **La Fontaine**
Encenação de **Teresa Gafeira**

o vento nos salgueiros

A partir de **Kenneth Grahame**
Dramaturgia e encenação de **Teresa Gafeira**

preçário

sala principal

teatro

Companhia de Teatro de Almada
Sans tambour
Mãe Coragem

dança

NUIT
Forces of nature
Companhia Nacional de Bailado
MUDA

música

A viúva alegre
Jorge Palma
Sinfonia n.º 4 de Tchaikovsky
Camerata Atlântica
9.ª Sinfonia de Beethoven
Cassete pirata
Festival Música Capuchos***
Carolina Deslandes
Luísa Sobral
Concerto de Natal

clube de amigos

membro acomp.

– 6,50€
8,75€ 12,25€*
8,75€ 12,25€*
7,50€ 10,50€*
5€ 7€*
8,75€ 12,25€*
8,75€ 12,25€*

12,50€ 17,50€*
12,50€ 17,50€*
8,75€ 12,25€*
6,50€ 9,10€*
8,75€ 12,25€*
7,50€ 10,50€*
8,50€ 11,90€*
12,50€ 17,50€*
10€ 14€*
10€ 14€*

bilheteira

adulto jovem sénior grupos

13€ 6,50€ 6,50€ 6,50€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
15€ 10,50€ 12€ 14€
10€ 7€ 8€ 9,35€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
25€ 17,50€ 20€ 23,50€
25€ 17,50€ 20€ 23,50€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
13€ 9,10€ 10,40€ 12,15€
17,50€ 12,25€ 14€ 16,35€
15€ 10,50€ 12€ 14€
17€ 11,90€ 13,60€ 15,90€
25€ 17,50€ 20€ 23,50€
20€ 14€ 16€ 18,70€
20€ 14€ 16€ 18,70€

outros espaços

clube de amigos

membro acomp.

Companhia de Teatro de Almada
Produções acolhidas**
Peças para a infância CTA
Peças para a infância acolhidas
TRANSBORDA
Ciclo de Música de Câmara***

– 6,50€
6,50€ 9,10€*
– 5€
5€ 7€*
5€ 7€*
6,50€ 9,10€*

bilheteira

adulto jovem sénior grupos

13€ 6,50€ 6,50€ 6,50€
13€ 9,10€ 10,40€ 12,15€
10€ 5€ 5€ 5€
10€ 7€ 8€ 9,35€
10€ 7€ 8€ 9,35€
13€ 9,10€ 10,40€ 12,15€

* Preço para um limite máximo de quatro acompanhantes. Os demais acompanhantes beneficiam do preço de grupos.

** Excepto TRANSBORDA.

*** Preço por espectáculo.

equipa do tmjb

TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM
BENITE



Membro Honorário
da Ordem do Mérito

Director artístico: **Rodrigo Francisco**
Director financeiro: **Carlos Galvão**
Consultores técnicos: **José Carlos Nascimento**
e **Jean-Guy Lecat**
Apoio jurídico: **Mª de Lurdes Bessa Monteiro**
Director técnico: **Guilherme Frazão**
Secretária da direcção: **Ana Patrícia Santos**
Direcção de produção: **Paulo Mendes**
Técnicos: **André Oliveira, Bento da Silva,**
Carlos Janeiro, Marcos Verdades
e **Paulo Horta**
Guarda-roupa: **Rodica Alexe**
Direcção de cena: **João Farraia**
Gestão financeira: **Susana Fernandes**
Técnica oficial de contas: **Paula Almeida**
Contabilidade: **Sofia Rodrigues**
Comunicação: **Miguel Martins**
Design gráfico: **Constança Penedo**
e **Nicole Alves**
Audiovisuais e site: **Cristina Antunes**
e **Jorge Freire**
Fotografia: **Rui Carlos Mateus**
Serviço ao público: **Carina Verdasca**
e **Pedro Walter**
Serviço educativo: **Teresa Gafeira**
Bilheteira: **Sofia Chora**
Bar: **Isabel Galvão**
Restaurante: **Alice Prazeres, Diana Antunes**
e **Rosângela Vervloet**
Recepção: **Eduardo Pedro, Ítalo Balarezo**
e **Tiago Fernandes**
Limpeza: **Alcinda Graça e Ketlin Freitas**
Direcção: **Rodrigo Francisco, Carlos Galvão**
e **Teresa Gafeira**
Assembleia-Geral: **Maria Laita e Paulo Mendes**
Conselho fiscal: **Guilherme Frazão**
e **José Carlos Nascimento**
Elenco: **Teresa Gafeira, Miguel Martins**
Pedro Walter e João Farraia

Edição: Companhia de Teatro de Almada
Textos: Rui Lagartinho e estruturas acolhidas
Projecto de design gráfico: Jorge dos Reis
Tipo de letra Salgueiro Maia (títulos e cabeçalhos): Jorge dos Reis
Paginação: Nicole Alves
Apoio à produção editorial: Ana Patrícia Santos e Miguel Martins
Revisão: Sofia Rodrigues
Impressão: LouresGráfica • Tiragem: 7500 exemplares

Ilustração e fotografia: p. 26 © Louis berteloot; p. 27 © Jean Louis Fernandez; p. 28 © Joana Villaverde;
p. 31 © Paulo Nogueira; p. 32 © Madalena Brunheta; p. 34 © Desenho de Almada Negreiros in *Deseja-se
Mulher*, 1959; p. 38 © José Ricardo Lopes; pp. 39, 41, 43, 45-47, 49 © Rui Carlos Mateus; p. 40 © Susana
Neves; p. 42 © Rita Santana; p. 44 João do Vale; p. 50 © João Mariano; p. 58 © Ian Grandjean; p. 59 ©
Elisabeth Vieira Alvarez; p. 60 © Cristian Duarte em Companhia; p. 61 © Alix Boillot; p. 62 © Bruno Simão;
p. 63 © Ivo Canelas; p. 68 © Tommaso Tuzj; p. 69 © Tiago Miranda; p. 70 © Márcia Lessa; p. 72 © Hugo
David; p. 73 © Martim Torres; p. 75 © Jean-Baptiste Millot; p. 76 © Estelle Valente; p. 77 © Simon Pauley;
p. 78 © SuspectMemories; p. 81 © João Pedro Jesus; p. 82 © Enric Vives Rubio



ni es do
ni es do

ni abril
ni abril

so años
so años

iiiiii
iiiiii